



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Caligrama: uma ferramenta pedagógica motivadora para o desenvolvimento da escrita no 1.ºCEB

Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico

2025, Vanessa Liliana Pinto Lima



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Vanessa Liliana Pinto Lima

Caligrama: uma ferramenta pedagógica motivadora para o desenvolvimento da escrita no 1.º

CEB

Dissertação de Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, apresentada ao Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação do Professor Doutor Pedro Balaus Custódio

Maio, 2025

A Deus, aos meus amados filhos e marido,
Os pilares da minha vida.

Caligrama: uma ferramenta pedagógica motivadora no desenvolvimento da escrita no 1.º CEB

RESUMO

Ao longo do meu percurso de formação docente, foi possível observar que grande parte das atividades de escrita eram rotineiras e fastidiosas, o que acabava por produzir nos alunos uma certa rejeição face ao ato de escrever. Desta feita, a promoção pelo gosto da escrita, bem como o desenvolvimento da criatividade nos alunos, tornou-se um desejo intrínseco no desenvolvimento deste estudo. Foi criado um plano de atividades de escrita, onde o caligrama é utilizado como uma ferramenta para gerar motivação para a escrita. Este plano foi desenvolvido numa turma do 2.º ano de escolaridade, numa escola da rede pública.

Partindo dos resultados obtidos é possível concluir que os alunos progrediram ao longo da implementação das atividades propostas. Estes demonstraram-se motivados durante a criação dos seus caligramas, revelando criatividade em cada um dos seus trabalhos, denotando-se uma melhoria significativa das suas competências de escrita. É ainda possível inferir que o recurso a atividades lúdicas, contextualizadas e significativas, que apelam à criatividade dos alunos, são fundamentais para o aumento da motivação no desenvolvimento de projetos de escrita.

Palavras-chave: Caligrama, Didática da Escrita no 1.º CEB, Motivação, Criatividade.

Calligram: a motivating pedagogical tool for develop writing skills in Primary School

Throughout my teaching training, it was possible to observe that a large part of the writing activities were routine and boring, producing in students a negative feeling towards writing/an aversion to writing. Thus, improving writing skills, as well as developing creativity in students, became the purpose of this study. A writing activity plan was created and the calligram was used to encourage writing. This plan was developed in a 2nd grade class in a public school.

Based on the results obtained, it is possible to conclude that students improved writing skills throughout the implementation of the proposed activities. They were motivated while creating their calligrams, demonstrating creativity and revealing a significant improvement in their writing skills. It is also possible to conclude that playful, contextualized, meaningful and creative learning activities are essential to encourage students for writing projects.

Keywords: Calligram, Writing Didactics in Primary School, Motivation, Creativity.

Sumário

INTRODUÇÃO	IX
CAPÍTULO I – REVISÃO DA LITERATURA	1
1.1. Conceito de poesia concreta, poesia visual.	2
1.2. Definição de caligrama e a sua origem histórica.....	7
1.3. Benefícios do caligrama na motivação e na criatividade.....	9
1.4. Desenvolvimento da escrita no 1.º Ciclo do Ensino Básico	12
CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	16
2.1. Problemática e Contextualização	17
2.2. Modelo de Investigação	17
2.3. Objetivos da Investigação	18
2.4. Amostra: constituição e caracterização	19
2.5. Instrumentos de Recolha de Dados.....	20
2.6. Análise dos Dados	21
2.7. Apresentação do Plano de Ação	22
2.8. Dificuldades encontradas durante a realização do projeto	23
CAPÍTULO III – AÇÕES PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS DURANTE A PRÁTICA EM CONTEXTO	24
3.1. Atividade n.º 1: A carta do Sapo apaixonado	25
3.1.1. Desenvolvimento da atividade	25
3.1.2. Reflexão sobre a atividade	26
3.1.3. Avaliação	27
3.2. Atividade n.º 2: Lenço dos Afetos.....	27
3.2.1. Desenvolvimento da atividade	28
3.2.2. Reflexão sobre a atividade	29
3.2.3. Avaliação	30
3.3. Atividade n.º 3: Primavera.....	31
3.3.2. Reflexão sobre a atividade	32
3.3.3. Avaliação	33
3.4. Atividade n.º 4: Sou único.....	34
3.4.1. Desenvolvimento da atividade	35

3.4.2. Reflexão sobre a atividade	36
3.4.3. Avaliação	37
3.5. Atividade n.º 5: Animal de estimação	38
3.5.1. Desenvolvimento da atividade	38
3.5.2. Reflexão da atividade	39
3.5.3. Avaliação	40
Considerações finais	43
BIBLIOGRAFIA	47
ANEXOS	52
Anexo 1 – PowerPoint “Poesia Visual”	53
Anexo 2 – Ficha de trabalho “A carta do Sapo apaixonado”	58
Anexo 3 – Caligrama elaborado pelo aluno Q	59
Anexo 4 – Caligrama elaborado pelo aluno L	60
Anexo 5 – Caligrama elaborado pela aluna M	61
Anexo 6 - PowerPoint “Lenço dos Namorados”	62
Anexo 7 – Ficha de trabalho “Lenço dos Afetos”	66
Anexo 8 – PowerPoint “Caligramas infantis”	67
Anexo 9 – Caligrama elaborado pelo aluno G.....	70
Anexo 10 – Caligrama elaborado pelo aluno I	71
Anexo 11 – Caligrama elaborado pela aluna M	72
Anexo 12 – Caligrama elaborado pela aluna R	73
Anexo 13 – Ficha de trabalho “Leilão de Jardim”	74
Anexo 14 – Caligrama elaborado pelo aluno A.....	75
Anexo 15 – Caligrama elaborado pelo aluno K	76
Anexo 16 – Caligrama elaborado pela aluna P	77
Anexo 17 – Caligrama elaborado pela aluna N	78
Anexo 18 – Caligrama elaborado pelo aluno G.....	79
Anexo 19 – Caligrama elaborado pela aluna R	80
Anexo 20 – Caligrama elaborado pelo aluno L	81
Anexo 21 – Ficha de trabalho “O Grilo Verde”	82
Anexo 22 – Folha de trabalho “Sou único” e impressão digital.....	83
Anexo 23 – Caligrama elaborado pela aluna P	84
Anexo 24 – Caligrama elaborado pelo aluno J.....	85

Anexo 25 – Poema “Animais de estimação”, de Maria do Rosário Macedo	86
Anexo 26 - Caligrama elaborado pelo aluno F	88
Anexo 27 – Caligrama elaborado pela aluna P	88
Anexo 28 – Caligrama elaborado pelo aluno U	89
Anexo 29 – Caligrama elaborado pelo aluno H.....	89
Anexo 30 – Caligrama elaborado pelo aluno L	90
Anexo 31 – Caligrama elaborado pelo aluno S	90
APÊNDICES	91
Apêndice 1 – Plano de ação das atividades de escrita de caligramas	92
Apêndice 2 – Grelha de observação da atividade n.º 1	93
Apêndice 3 – Grelha de avaliação da atividade n.º 2	94
Apêndice 4 – Grelha de avaliação da atividade n.º 3	95
Apêndice 5 – Grelha de avaliação da atividade n.º 4	96
Apêndice 6 – Grelha de avaliação da atividade n.º 5	97

Lista de abreviaturas

1. ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra
2. 1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico

Lista de figuras

Figura 1 - Poema concreto “Tontura”, de Melo e Castro (1961/62)	5
Figura 2 - Poema visual “O Ovo”, de Símias de Rodes (c. 300 a.C.)	6
Figura 3 - Aluno V na Execução do seu Trabalho	25
Figura 4 - Trabalho Final do Aluno K	26
Figura 5 - Aluna M na Execução do seu Trabalho	28
Figura 6 - Fotografia da Exposição " Lenço dos Afetos"	30
Figura 7 - Trabalho Elaborado pela Aluna B	32
Figura 8 - Trabalho Elaborado pelo Aluno J	35
Figura 9 - Trabalho Elaborado pela Aluna N	36
Figura 10 - Trabalho Elaborado pelo Aluno E	40
Figura 11 - Trabalho Elaborado pelo Aluno Q	41

INTRODUÇÃO

A linguagem escrita desempenha desde sempre um papel fundamental na sociedade, caracterizando-se por ser uma das principais formas de comunicação e expressão humana. A escrita permite que as pessoas comuniquem de uma forma mais eficaz, expressando pensamentos e emoções, permite criar e dar vida a novas ideias. Mas, escrever exige clareza de ideias e organização nos pensamentos, o que obriga ao desenvolvimento do pensamento crítico. Contudo, o crescente avanço tecnológico trouxe significativas mudanças na forma como escrevemos e nos comunicamos. A facilidade no acesso a softwares de processamento de texto, com correção automática, sugestões de estilo e gramática, bem como o enorme leque de estilos textuais que com uma simples ligação à internet é possível obter, têm alterado a forma como escrevemos, constituindo um enorme desafio para a escrita tradicional. Cabe ao professor dotar-se de estratégias que promovam o desenvolvimento da criatividade e que visem o aumento da motivação para a escrita. Tendo consciência desta realidade, este projeto procura apresentar um conjunto de atividades que promovam o gosto pela escrita e o aumento da criatividade dos alunos.

Durante toda a aplicação deste projeto de escrita, a posição tomada foi a de investigação e intervenção. No que à investigação diz respeito, a metodologia adotada foi a de investigação-ação, pois esta possibilita o desenvolvimento profissional e contribui para o aperfeiçoamento e qualidade de todo o processo educativo. No que concerne à intervenção, houve a preocupação de uma abordagem interdisciplinar, com o propósito de instigar a participação ativa dos alunos e de tornar a aprendizagem mais significativa.

Para além da Introdução, Considerações Finais e Bibliografia, o presente Relatório Final encontra-se dividido em três capítulos.

O primeiro capítulo diz respeito ao Enquadramento Teórico elaborado a partir de uma revisão bibliográfica que sustenta toda a investigação, nas decisões pedagógicas tomadas bem como no caminho seguido por esta. Neste capítulo são clarificados os conceitos de poesia concreta e poesia visual, é abordado o conceito de caligrama e a sua origem histórica, os benefícios do caligrama na motivação e na criatividade e a importância do desenvolvimento da escrita no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O segundo capítulo faz referência à Metodologia de Investigação adotada no desenvolvimento deste projeto. Aqui é apresentada toda a problemática e feita a contextualização do tema. Além disso, é apresentada a metodologia de investigação, são descritos os objetivos deste estudo, bem como dados a conhecer os instrumentos de recolha de dados. Também é feita a constituição e caracterização da amostra deste projeto. Ainda neste capítulo é apresentado, de forma minuciosa, o plano de ação e feita uma breve reflexão sobre as dificuldades sentidas ao longo da implementação do projeto.

No último capítulo, Ações Pedagógicas Desenvolvidas durante a Prática em Contexto, é descrito, pormenorizadamente, o desenvolvimento das cinco atividades propostas, é feita a reflexão de cada ação pedagógica, bem como a avaliação das mesmas.

O relatório termina com umas breves Considerações Finais, onde é feito um balanço sobre o contributo deste projeto para o desenvolvimento da criatividade e o aumento da motivação na escrita dos alunos, assim como do seu contributo para o meu próprio desenvolvimento pessoal e profissional.

CAPÍTULO I – REVISÃO DA LITERATURA

1.1. Conceito de poesia concreta, poesia visual.

A poesia é intrínseca ao ser humano. Desde tenra idade que a criança manifesta uma enorme envolvimento pela musicalidade rítmica dos versos do poema. No seu livro sobre poesia infantil, Bochecho (2002) chega mesmo a usar a expressão de “abraço mágico” para realçar a relação de familiaridade que acontece entre a poesia e a infância, que leva a criança a recolher o “alviste pro sonho, enriquecendo-se e elaborando vivências” (p.22). Mas, a poesia tem vindo a reinventar-se ao longo do tempo, chegando a cada um de nós sob diferentes formas, sejam elas em papel, pintura e até mesmo em formato digital.

Numa entrevista realizada entre Gabriela Marcondes¹ e Rodrigo de Souza ²Leão, é possível ler-se acerca deste assunto:

há uma confusão entre as duas [poesia visual e poesia concreta], porque ambas têm um apelo à imagem muito forte. Mas a poesia visual nem sempre se utiliza da palavra, ela passa a sua mensagem pela imagem, tendo ela caracteres tipográficos ou não. Na poesia concreta a palavra está sempre presente, fragmentada, fundida, reinventada, mas está lá. (Guimarães & Lourenço, 2007)

De acordo com Campino (2011), esta confusão poderá residir no facto de que:

tanto a Poesia Experimental como o Concretismo podem enquadrar-se na categoria mais abrangente da Poesia Visual [...], salvaguardando a crescente dificuldade em sustentar distinções entre matéria verbal e visual decorrentes das inovações promovidas pela atitude experimental que atravessou o século XX. (p.13)

Para este trabalho importa, antes de mais, clarificar os conceitos de poesia concreta e poesia visual que facilmente se confundem pelo forte vínculo que ambas têm à imagem.

¹ **Gabriela Marcondes**. Poetisa, música e médica. Publicou VIDEOVERSO (Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2006).

² **Rodrigo de Souza Leão** (Rio de Janeiro, 1965). Jornalista. Autor do livro de poemas “Há Flores na Pele”, entre outros. Participou na antologia “Na virada do Século – Poesia de Invenção no Brasil (Landy, 2000). Co- editor da Zunái – Revista de Poesia & Debates. Edita os blogues Pesa-Nervos e Lowcura.

Poesia concreta

O termo “poesia concreta” nasceu em 1955 depois de um encontro entre Décio Pignatari e Eugen Gomringer. Logo após este acontecimento, foi anunciada a fundação de um grupo internacional de poesia concreta, com a intenção de aprofundar a investigação e o trabalho de cada um dos seus membros (de Mira Ramalho, 2010).

Segundo Fernando (2018, citado por Alves, 2021), o poema concreto é composto por uma “estrutura conteúdo”, na qual se estabelecem relações espaciais entre as palavras, sendo este fenómeno apelidado de “isomorfismo”. Com este isomorfismo, o conteúdo é expresso não só pela semântica como pela organização espacial, sendo o poema reduzido a um poema-objeto. O poema-objeto pretende valorizar o espaço gráfico e o significante em detrimento do significado. Os congressistas opõem-se às formas tradicionais dos versos, mas também procuram fugir da tradição dos poemas visuais em que a disposição do texto ganha a forma do objeto que descreve, como os caligramas de Apollinaire, que pela sua evidência consideram empobrecedora. Outra particularidade do poema-objeto é a sua natureza de ideograma, que vem definido no Plano-Piloto para a Poesia Concreta³ como sendo “um método de compor baseado na justa posição direta-analógica e não lógica-discursiva de elementos, sendo um poema ‘objeto’ concreto passível de manipulação e permitindo várias leituras”, ou seja, a leitura do poema pode ser feita de cima para baixo, da direita para a esquerda, em diagonal, entre outras (de Mira Ramalho, 2010).

Segundo Campos (1987, citado por Reis, 1998) a poesia concreta caracteriza-se por ter uma linguagem rápida, direta e eficaz, que com os próprios materiais permite a reificação do poema, à semelhança do “mundo das coisas”, sem que o poema se torne uma imitação ou representação mimética desse “mundo das coisas”. Desta forma, o texto concreto é aquele que se representa a si próprio e que comunica com o leitor através da sua própria estrutura.

³ **Plano-Piloto para a Poesia Concreta (1958)**: é um manifesto assinado por Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos, onde a poesia concreta se define focada na estrutura espacial e nas relações entre palavras e no espaço, em oposição ao desenvolvimento linear.

A poesia concreta não é feita de versos, mas nela poder-se-á encontrar palavras, que não participam nesta poesia na sua qualidade de palavras, mas antes de signos de palavras, sendo o seu sentido literal renunciado e assumidos novos sentidos. De acordo com Reis (1998), “a poesia concreta caracteriza-se, particularmente, por uma utilização tridimensional da palavra, a sua ‘verbivocovisual’, eles não são contra o significado, mas contra a representação” (p.26).

Para uma melhor compreensão das características da poesia concreta Bossi (1982, citado por Reis, 1998) elenca-as da seguinte forma:

- a) No campo semântico: ideogramas (‘apelo à comunicação não-verbal’, segundo o Plano-Piloto); polissemia, trocadilho, *nonsense*...;
- b) No campo sintático: ilhamento ou atomização das partes do discurso, justaposição; redistribuição de elementos; rutura com a sintaxe da proposição;
- c) No campo léxico: substantivos concretos, neologismos, tecnicismos, estrangeirismos, síglas, termos plurilíngues;
- d) No campo morfológico: desintegração do sintagma nos seus morfemas; separação dos prefixos, dos radicais, dos sufixos; uso intensivo de certos morfemas;
- e) No campo fonético: figuras de repetição sonora (aliteraões, assonâncias, rimas internas, homeoteleutos); preferência dada às consoantes e aos grupos consonantais; jogos sonoros;
- f) No campo tipográfico: abolição do verso, não-linearidade: uso construtivo dos espaços brancos; ausência dos sinais de pontuação; *constelações*; sintaxe gráfica (p.33).

Na figura 1, é possível observar o exemplo de um poema concreto do autor Melo e Castro, Tontura. Neste poema (ideograma) a ilusão de profundidade e queda no abismo são conseguidas pelos quatro círculos concêntricos e pela diminuição progressiva das letras que compõem o vocábulo e provocam a ilusão ótica.

Figura 1

Poema concreto “Tontura”, de Melo e Castro (1961/62).



Nota: Ideogramas, E. M. de Melo e Castro retirado de Custódio, P. B. (2021). Poesia-arte, intervenção e ludicidade – Uma proposta didática para o final do 1.º ciclo do ensino básico. In *Em emoções, artes e intervenção – Perspetivas multidisciplinares* (pp. 63-76). Almedina.

Poesia visual

Tendo em conta o arquivo digital da PO: EX (2018)⁴ entende-se por poesia visual:

a forma de poesia baseada na dissolução das fronteiras entre géneros literários e visuais, passando o poema a ser uma entidade híbrida e intermédia, desse modo superando a exclusividade da linguagem verbal e dos elementos tipográficos, e promovendo a sua articulação com elementos visuais e plásticos (s.p)

Para Bacelar (2001, citado por Dias, 2016), a poesia visual não deve ser lida, mas devesse focar nela essencialmente o olhar: “Examine os espaços entre as letras, as variações tipográficas, os espaços à volta das palavras. Considere-a como uma imagem. Depois veja que ideias surgem dessa imagem associadas com as letras e as palavras que há nela” (p. 19). Nestas palavras, Bacelar (2001) reforça a ideia do poder e da importância que a imagem tem na poesia visual, pois o leitor deverá olhar primeiro para a imagem do poema

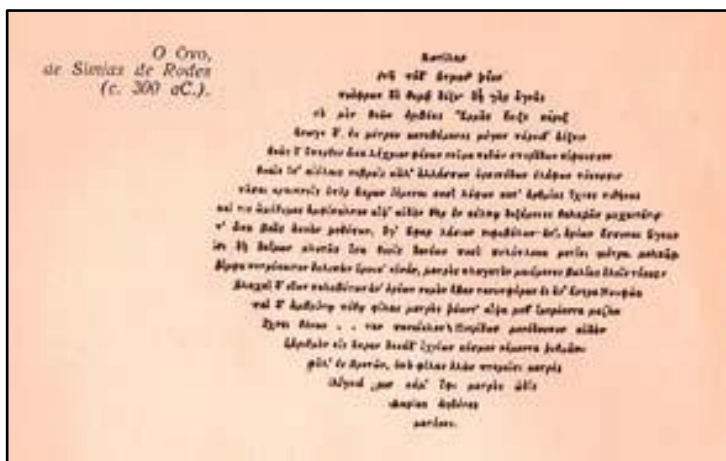
⁴ **PO. EX:** POesia EXperimental – Termo proposto por E. M. de Melo e Castro para enquadrar as atividades de autores portugueses ligados à poesia visual, sonora e concreta dos anos 1960 a 1980. Mais informação disponível em <https://po-ex.net/estrutura/generos/>.

e só depois retirar daí as ideias que lhe estão associadas. Seguindo esta mesma linha de pensamento, Reis (2011) faz-nos viajar por um tempo bastante primitivo onde a escrita não passava de um mero “desenho de palavras” na parede de uma caverna, ao afirmar que o poema visual está “situado numa terra de ninguém, entre territórios da literatura e das artes plásticas”, simbolizando “uma necessidade de ultrapassagem poética, recuperando a definição inicial da própria escrita: um desenho de palavras” (p.8). Assim, a origem da poesia, definida como a escrita de um texto, surge a partir da pintura de palavras (Reis, 1998). Desta forma, a poesia visual poderá ser entendida como o cruzamento entre a escrita e as artes visuais, mas também como a interceção entre a escrita e o desenho, tendo em conta que as palavras se desenhavam (de Mira Ramalho, 2010).

A poesia visual não é, portanto, algo recente, existindo já desde a antiguidade como nos testemunha o poema “O Ovo”, figura 2, de Síimias de Rodes, produzido em 325 a.C. Este poema fala do nascimento de um pássaro canoro, o rouxinol e do próprio cantar. Os seus versos estão dispostos por forma a imitar o forma de um ovo, de onde este nasce, fazendo com que forma e conteúdo reflitam sobre o tema de origem.

Figura 2

Poema visual “O Ovo”, de Síimias de Rodes (c. 300 a.C.)



Nota: Miranda, A. (n.d.). Síimias de Rodes. António Miranda. Recuperado em 24 de maio de 2025, de http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_visual/simias_de_rodes.html

1.2. Definição de caligrama e a sua origem histórica

“Toda a arte é linguagem.”

(Maurice Blanchot, 2005)

Todas as expressões, e a expressão escrita não é exceção, experimentam períodos e movimentos de rutura e de evolução característicos do estatuto da arte.

A pequena, mas simbólica frase que Maurice Blanchot escreve no seu livro “O Livro por vir” e citada por de Freitas (2021), exprime o pensamento que no final do século XIX, levará Stéphane Mallarmé (1842-1898), a repensar a estrutura do livro. Este poeta francês, acreditava na possibilidade de uma nova forma de livro, na qual o ponto de partida não fosse só o histórico ou ficcional, reclamando uma nova linguagem que pudesse considerar, simultaneamente, o espaço da página e as relações desencadeadas por ele e que, para além disso, possibilitasse “jogos entre espaço e tempo a partir de fragmentos textuais”, contribuindo desta forma para a construção de novos sentidos para o espaço da página (de Freitas, 2021, p.17). A escrita de Mallarmé destaca-se pela supressão da pontuação e da rima, passando a trabalhar o verso livre, utilizando os espaços em branco nas composições tipográficas. A leitura do poema, para este poeta, era sinónimo de ver. Mallarmé marca, assim, o início da representação da palavra enquanto desenho e pintura, apresentando como novo instrumento de trabalho o espaço branco. O trabalho desenvolvido por Mallarmé foi de tal forma impactante, que acabou por influenciar fortemente as gerações vindouras, como foi o caso do jovem Apollinaire (de Freitas, 2021).

No seu livro intitulado “Traduzir o poema”, Faleiros (2012) descreve Apollinaire como o “poeta marcadamente interessado pela oralidade e sonoridade – razões pelas quais suprimiu o uso de signos de pontuação [...] privilegiando os elementos rítmicos, além da autonomia da imagem, no corte do verso” (p.45).

Foi em 1918, ano de sua morte, que Apollinaire publica um livro com uma série de poemas, ao qual dá o nome de *Calligrammes: Poèmes de la paix et de la guerre*. Neste livro, os poemas resultam do arranjo das letras para formarem um desenho visual, figura pitagórica ou pictograma. Apollinaire explora ao máximo o potencial das letras na construção do poema (de Campos, 2009). Portanto, com Guillaume Apollinaire, a poesia é construída através de uma manipulação meticulosa da tipografia.

É a partir da obra de Apollinaire que surge a nomenclatura para esta nova forma de fazer poesia. Inspirado na poesia deste poeta francês, Faleiros (2012, citado por de Freitas, 2021) afirma que o

Caligrama é um poema em que fica clara a percepção dos elementos básicos do desenho, a saber, ponto, linha e plano. Nele, a espacialização forma uma figura à qual o texto que a escreve remete, além de ser título dos textos uma menção às formas visuais abarcadas nos poemas de grande importância para esse modo de narrativa. (p.21)

O caligrama é, desta feita, um poema visual cuja disposição gráfica forma uma imagem, imagem esta que está relacionada com o tema do texto. De acordo com Faleiros (2012), no caligrama, a leitura é feita sob um signo visual e discursivo, ou seja, para desenhar a figura, o poeta é muitas das vezes levado a distribuir de forma não linear os versos. Desta forma, a leitura do poema não é uma leitura linear, pois também ela não é uma escrita linear, passando a leitura e interpretação do poema a estar sujeita ao olhar/ler de quem lhe é lançado.

Ainda sobre o caligrama, de Freitas (2021, citando Faleiros, 2012), afirma que:

[...] ao promover uma mudança na forma da narrativa, ou seja, na estrutura, o caligrama promove, ainda, um tipo de erupção no interior da palavra: [...] e insere o figurativo no espaço textual além de gerar a criação de espaços textuais que se relacionam com o espaço branco deixado pela palavra, promovendo, assim, maior visibilidade e legibilidade da palavra enquanto imagem. (pp.21-22)

A obra de Apollinaire influenciou fortemente as primeiras manifestações modernistas no Brasil, onde pintores, escritores e poetas clamavam ideias de rutura com o passado e de renovação de um novo repertório estético (de Campos, 2009).

A Portugal, o caligrama chegou no início do século XX, encontrando terreno fértil na obra de autores modernistas como o jovem Almada Negreiros, através de três poemas desenhados no caderno de apontamentos, dados a conhecer mais tarde, por E. Melo e Castro. Almada desenhava árvores, mesas e cadeiras (entre outros objetos), utilizando frases poéticas. Os poemas de Almada Negreiros foram mesmo comparados aos de Apollinaire, que como já referido anteriormente, com palavras desenhava o tema do poema através de uma representação figurativa (Alves, 2021).

A poetiza Ana Hatherly cria, a partir do final dos anos 60, uma série de caligramas, onde o texto parece, por vezes, concordar com a mancha gráfica do desenho, embora de forma parcial. Esta artista “brinca com a linha que utiliza para conceber a mancha gráfica presente nas suas obras, o qual torna difícil a perceção e diferenciação entre linha da caligrafia e a linha do desenho” (p.26). Este “jogo” é uma característica determinante dos seus caligramas (Serrão, 2022).

Os caligramas de Apollinaire revelaram-se uma forte influência para o desenvolvimento da poesia concreta em Portugal, sendo um marco de transição da poesia visual para a poesia concreta. Segundo Reis (1998), no desenvolvimento do seu trabalho, Guillaume Apollinaire:

perseguia o efeito plástico, alterando a disposição normal do material linguístico no papel, desenhando com ele e utilizando-o como se se tratasse de linhas, mas sem sequer entreviu as possibilidades plásticas das palavras em si mesmas e também não alterou a ordenação sintática, apenas se limitou ao aspeto meramente físico do verso. (p.40)

Partindo do carácter estético do caligrama, a poesia concreta explorou a materialidade do texto, através da tipografia e da disposição das palavras no espaço da página, para adicionar novos significados. O caligrama veio expandir o conceito de poesia que existia até então, ao transformar a escrita numa forma de expressão visual e ao desafiar diferentes formas de escrita e, consequentemente, de leitura do poema.

1.3. Benefícios do caligrama na motivação e na criatividade

“As emoções e os sentimentos vividos pelos alunos nas atividades de escrita são cruciais para construir a relação com a escrita.”

(Barbeiro & Pereira, 2007, p.14)

Para que seja possível compreender de que forma o caligrama funciona como catalisador na motivação e na criatividade dos alunos, é importante, primeiro, compreender bem cada um destes conceitos.

A palavra motivação, de acordo com Tavares (1979), deriva do latim *motu* (movimento) e *movere* (mover), que significa o ato de pôr em movimento. Para Silva (2014),

este movimento é gerado por um impulso, para que os alunos consigam atingir determinado objetivo tendo sempre como foco a aprendizagem. Em concordância com esta ideia de movimento e/ou agir, para Chiavenato (1999), a motivação é tudo aquilo que leva alguém a agir de uma determinada forma ou, pelo menos, gera uma disposição para a realização de um comportamento específico. Este mesmo autor acrescenta, ainda, que é na motivação que os alunos encontram os motivos para aprender, podendo o impulso à ação ser provocado por um estímulo externo, provindo do ambiente, ou também ser gerado internamente nos processos mentais do indivíduo. Chiavenato (1999) considera, assim, a existência de dois tipos de motivação: a motivação intrínseca e a motivação extrínseca.

A motivação intrínseca, segundo Raffini (1996), é aquela que nos leva a escolher ou a realizar uma tarefa ou atividade sem alguma razão compelativa, a não ser a simples satisfação que a tarefa traz por si só. Este tipo de motivação leva-nos a fazer algo mesmo quando não o temos de fazer, isto é, fazemos pelo simples prazer de fazer. A motivação intrínseca é aquela que nos interessa neste tipo de estudo, pois o que se pretende é desenvolver o gosto pela escrita pelo simples prazer que esta pode proporcionar à criança.

No que à criatividade concerne, são muitas as definições e nem sempre consensuais, pois este é um conceito complexo e abstrato. Santos e Serra (2007), comparam a criatividade a um músculo que devemos de exercitar. À medida que este é trabalhado, mais apto se torna e mais forte este fica, mais facilmente se adapta a mudanças e a desafios.

Para Bach (2001) a criatividade apresenta-se como uma propriedade dos sistemas cognitivos, afetivos e sensoriais presente no dia a dia do indivíduo. Bach (2001, citando Winnicott, 1971), refere que a criatividade:

permite ao indivíduo a aproximação da realidade exterior. Se se admite uma capacidade cerebral razoável e uma inteligência suficiente que permite ao indivíduo tornar-se uma pessoa participante na vida da comunidade, todo o conhecimento será criativo. (p.57)

Por outras palavras, segundo Bach (2001), quando o indivíduo se vê confrontado com um problema, ativa uma série de procedimentos que o levam a recorrer da sua criatividade a fim de encontrar uma solução para o mesmo. Durante este processo, formam-se várias soluções, tendo o indivíduo de assumir uma postura crítica face às mesmas e

tomar uma decisão, que lhe permitirá resolver o problema posto através de uma criação original. Com efeito, podemos concluir, que o aluno criativo será também crítico e criador das suas ideias e soluções.

O caligrama, pela sua natureza plástica e experimental “é grandemente motivadora porque se assume também como um desafio de leitura, de interpretação visual e como um jogo explicativo” (Custódio, 2021, p. 69). Estes poemas visuais desafiam os alunos através do seu carácter lúdico, despertando, desta forma, a sua atenção.

A utilização do caligrama, dentro da sala de aula, estimula a criatividade, pois “há algo de infantil no caligrama” (Véronique Dahlet, 2008) que circunda os alunos num jogo de exploração por novas formas de expressão que integram o visual e o texto. Na elaboração de um caligrama, o aluno é convidado a explorar os espaços em branco, as sobreposições e a diversidade topográfica, podendo ainda enriquecer os seus trabalhos com o uso de cores e de texturas.

Como argumenta Custódio (2021), no capítulo Poesia-Arte, Intervenção e Ludicidade - uma Proposta Didática para o final do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sendo o caligrama um poema visual:

É possível despertar a vontade de produção de texto mediante a planificação e textualização de um poema visual em que se possa seleccionar os estratos visuais e verbais, exercitar a exploração de formas, vivências, narrativas pessoais ou de outrem, valores, sob uma capa de forte dimensão e alcance estético. (p.73)

Por outras palavras, a criação de caligramas permite aos alunos expressarem os seus pensamentos e ideias de uma forma única, livre e lúdica contribuindo para o desenvolvimento da sua autoconfiança. De acordo com Pajares (2003), uma das variáveis motivacionais associadas ao domínio da escrita é a confiança nas competências pessoais. Ainda de acordo com o mesmo autor, o sentimento de autoeficácia dos alunos para a escrita influencia os resultados na escrita e consegue até minimizar os efeitos negativos da ansiedade. O “alcance estético” (Custódio, 2021) destes poemas leva a que as crianças explorem novas associações textuais e visuais que promovem o surgimento de novas ideias, estimulando desta forma o pensamento divergente.

O desenho das letras e palavras exige precisão e controlo dos movimentos das mãos e dedos, contribuindo o caligrama, desta forma, para o desenvolvimento da coordenação motora fina. A este respeito, Paquete (2022), defende que quando a criança está a desenhar “não está preocupada com o resultado, mas com o movimento que está a realizar [...] desenvolvendo sem que se perceba a sua motricidade” (p.36).

O caligrama poderá também contribuir para o desenvolvimento de um ambiente colaborativo dentro da sala de aula, através da partilha de ideias e do feedback recebido. A escrita colaborativa é considerada, por Barbeiro e Pereira (2007), um instrumento de aprendizagem, capaz de ultrapassar algumas dificuldades na parte da textualização, sendo capaz de motivar os alunos a escrever, rever e formular os seus textos.

Segundo Custódio (2021), esta abordagem mais artística do caligrama desperta nas crianças:

um vasto conjunto de competências no âmbito dos recursos gráficos e visuais, na percepção da estrutura e composição internas de um poema, nos arranjos gráficos, na ortografia como unidade textual, mas sobretudo, como integrante de uma unidade macrotextual. (p.73)

O caligrama torna o processo de escrita mais ativo e menos mecanizado, incentivando as crianças a tornarem-se os autores das suas próprias narrativas. Através do caligrama, os alunos aprendem a valorizar a estética no processo de comunicação, desenvolvendo desta forma, não apenas competências linguísticas, mas também competências visuais, cognitivas e expressivas, essenciais num mundo em constante transformação.

1.4. Desenvolvimento da escrita no 1.º Ciclo do Ensino Básico

“Escrever permite que transformemos o caos em algo bonito, permite que emolduremos momentos selecionados em nossas vidas, faz com que descubramos e celebremos os padrões que organizam nossa existência.”

(Calkins, 1989, p.15)

Na sociedade contemporânea, são inúmeros os motivos que nos levam a escrever. Mas aprender a escrever, implica também compreender os diferentes usos que as

peças fazem da escrita, compreender as suas funções sociais. Cada vez mais a sociedade reclama do indivíduo esta capacidade de escrita, para que este seja capaz de viver, interpretar e desempenhar as funções necessárias que a realidade exige (Brás, 2012). Cabe à escola a responsabilidade de criar nas gerações vindouras hábitos de escrita, através do desenvolvimento de estratégias que promovam a competência da escrita, elevando a comunicação verbal, através de um leque alargado de géneros textuais.

Durante muito tempo, o procedimento adotado para o ensino e aprendizagem da escrita, consistiu na criação de atividades de escrita ausentes de intenções e propósitos educativos. O texto era escrito de acordo com os parâmetros da *boa escrita* (dos autores literários) bem como do *ensino da gramática normativa*. No entanto, no início da década de oitenta, a escrita começou a ser reconhecida como um processo complexo, holístico-construtivo e assente numa prática dialógica (Niza, 2000).

De entre os trabalhos de investigação decorrentes nesta época, surgiu em 1980, o modelo de escrita de Hayes e Flower, amplamente difundido no contexto educativo português, que descreve os processos cognitivos envolvidos no processo de escrita, como a planificação, a redação e a revisão. No referido modelo, é possível identificar três dimensões relativamente ao processo de escrita: o contexto de produção, a memória de longo prazo do redator/ escritor e as componentes do processo de escrita (Monteiro, 2023).

O contexto de produção inclui todos os aspetos externos do escritor como o tema, o objetivo e o destinatário. Quanto à memória a longo prazo, consideram-se os conhecimentos que o redator possui relativamente ao tema, bem como as características dos destinatários que conduzem o escritor à tomada de decisão, para que a composição do seu texto seja explícita para o leitor (Monteiro, 2023).

No que diz respeito às três atividades presentes no processo de escrita, Barbeiro e Pereira (2007), defendem que cada uma destas três componentes (planificação, textualização e revisão) podem surgir ao longo do processo de escrita. Como exemplo, os mesmos autores, explicam que ao longo do processo existem momentos de pausa em que quem escreve procura planificar o que ainda lhe falta escrever. Além disso, a componente

da revisão pode ir sendo realizada ao longo de todo o processo de escrita, pois muitas das vezes o escritor, à medida que vai redigindo, vai relendo o que já foi escrito.

Com efeito, na planificação são estabelecidos os objetivos da escrita, para ativar e selecionar os conteúdos a serem representados na mesma. No decorrer deste subprocesso, o escritor recorre à memória de longo prazo para gerar ideias, que serão depois organizadas e estruturadas (Monteiro, 2023). De acordo com Barbeiro e Pereira (2007) “a capacidade de planificação constitui um dos aspetos que diferencia o domínio da escrita por parte dos alunos, ao longo do percurso escolar (p.18). Desta feita, é necessário desde cedo trabalhar as competências ligadas à planificação.

A redação/ textualização é o momento em que as ideias elaboradas na planificação, ganham forma na linguagem escrita. Segundo Fonseca (2005, citando Campos, 1990), a textualização

exige conhecer e dominar as exigências e convenções da linguagem escrita (execução gráfica das letras, exigências ortográficas, léxicas, morfológicas e sintáticas) e permite passar de uma organização semântica hierarquizada a uma organização linear, obrigando a frequentes revisões e retorno às operações de planificação. (p.10)

Relativamente à revisão, esta processa-se através da leitura, avaliação e eventual correção ou reformulação do que foi escrito (Barbeiro e Pereira, 2007).

Atentando ao que anteriormente foi dito sobre cada uma das etapas presentes no processo de escrita, é possível inferir sobre a importância do papel que o professor desempenha como orientador em cada uma delas. Esta orientação e apoio prestados pelo docente, advêm do facto de que da planificação até à textualização e acabando na revisão, são inúmeras as possibilidades de formulação na elaboração do texto escrito, pois a própria escrita consiste numa tarefa de resolução de problemas (Nicolau & Carvalho, 2021, p.229). Também Pereira e Azevedo (2005) reconhecem no professor o papel fundamental de orientador das aprendizagens dos alunos.

Como já referido, este modelo de produção da escrita tem o seu enfoque nas operações cognitivas envolvidas no ato da escrita. No entanto, outros investigadores estabeleceram que a escrita para além de um processo cognitivo é também um processo *“comunicativo y social que adquire pleno significado en el contexto físico, social y cultural*

en que se desenrolla (Gallego e Martin, 2002, p.4). Poder-se-á então dizer que o ato de escrever não é um ato por si, isolado, pois depende de fatores emotivos e sociais. A este propósito, Barbeiro e Pereira (2007) defendem que é fundamental a

criação de um ambiente favorável à superação dos problemas encontrados na escrita, tanto pela colaboração do professor e dos colegas, como pela valorização das conquistas efetuadas, permitirá que cada aluno vivencie recompensas emocionais, ou seja, obtenha uma satisfação que o incentive a escrever os seus textos. (p.14)

Segundo Niza, Segura & Mata (2011), cabe aos professores “a criação de ambientes que encorajem, a produção escrita e o trabalho de revisão” (p.35). A sala de aula deve ser um espaço acolhedor e calmo, o qual deverá fazer com que as crianças sintam vontade de escrever.

Em suma, a escrita deve ser entendida como um processo dinâmico e flexível, não um processo estanque, por si só, tomando em atenção as perspetivas de escrita centradas no processo e não no produto. É importante ter em consideração durante a composição escrita as dimensões cognitiva, social e cultural do aluno. Cabe ao professor o papel de orientador de todo o processo de escrita, a responsabilidade de criar um ambiente favorável à superação dos problemas encontrados, de espicaçar a criatividade de cada aluno e de lhe proporcionar o contacto com diferentes géneros textuais. Mas para tal, é importante que o docente conheça os interesses individuais dos seus discentes e que tenha em consideração o contexto social e cultural em que estes estão inseridos.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

2.1. Problemática e Contextualização

No decorrer do meu percurso académico foi-me dada a oportunidade de experienciar a realidade vivida em algumas salas de aula do 1.º CEB. Em todas elas encontrei um elo comum: na sua maioria os alunos apresentavam graves dificuldades ao nível das competências de escrita, dando muitos erros ortográficos, compondo frases agramaticais e sem pontuação, revelando uma enorme dificuldade em produzir textos escritos, uns por falta de criatividade, outros porque não sentiam motivação para o fazer. Qualquer atividade que envolvesse produção textual, que exigisse do aluno pensar, imaginar ou criar algo, produzia nestes sentimentos negativos. Já desenhar e pintar, por seu turno, eram atividades que produziam na maioria dos alunos momentos prazerosos, criativos e de verdadeira motivação.

Tendo por base esta problemática surgiu a ideia de criar algo onde escrita e expressão artística estivessem de mãos dadas. É neste contexto que nasce a ideia de usar o caligrama como uma ferramenta para gerar motivação para o desenvolvimento da escrita nos alunos do 1.ºCEB, onde cada criança tem a liberdade de aplicar as suas ideias e de brincar com as palavras, dispondo-as numa folha, de forma a construir uma imagem representativa daquilo que pretendem falar.

2.2. Modelo de Investigação

Tendo em conta a natureza do trabalho desenvolvido neste estudo, baseado na planificação, ação, observação e reflexão dos resultados obtidos e das práticas envolvidas ao longo da sua execução, é possível concluir que o modelo de investigação adotado foi o de Investigação-ação.

Na revisão bibliográfica efetuada foram infindas e diversificadas as propostas encontradas para a definição deste conceito, tratando-se de uma expressão ambígua, sendo impossível encontrar uma só definição.

Segundo Coutinho et al. (2009), a Investigação-ação pode ser descrita como uma família de metodologias de investigação que incluem ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão), tendo por base um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre ação e reflexão, em que nos ciclos posteriores são aperfeiçoados os métodos, os dados e a interpretação feita à luz da experiência (conhecimento) obtida no ciclo anterior.

De acordo com Bisquerra (1989), a Investigação-ação trata-se de um processo planificado de ação, observação, reflexão e avaliação de carácter cíclico, conduzido e negociado pelos agentes implicados, com o propósito de intervirem na sua prática para a melhorar ou para a modificar no sentido da inovação.

Segundo Lewin (1946), a planificação tem início com um problema, para o qual se torna necessário encontrar uma solução, ou uma ideia geral. Segue-se uma etapa de reconhecimento ou identificação de factos que resulta na construção de um plano geral para a resolução do problema encontrado. Posteriormente, o plano será posto em prática e analisa-se a sua execução e os resultados dele obtidos para avaliar a ação desenvolvida, o que poderá mostrar a necessidade de realizar mudanças no plano geral. Finalmente, esta etapa dá origem a um desenvolvimento em espiral de uma ou mais novas ações que incitam o aparecimento de mais planificação, ação, avaliação e tomada de decisões.

Contudo, parece existir um consenso discursivo entre os investigadores quanto aos procedimentos que envolvem a investigação-ação (Máximo-Esteves, 2008). Nos estudos que preferem esta metodologia emergem um desenho metodológico que se configura num processo cíclico, de *pensar-fazer-pensar* para investigar e criar a mudança. Estes ciclos de investigação envolvem diferentes fases que corporizam essa tríplice dimensionalidade de pensar-agir-criar a mudança (MacNaughton & Hughes, 2009, p.5).

No campo da educação, a Investigação-ação procura essencialmente analisar a realidade educativa específica e estimular a tomada de decisão dos seus agentes para a mudança educativa, o que implica a tomada de consciência de cada um dos intervenientes (individualmente, e do grupo) de que emerge a construção de conhecimento através do confronto e contraste dos seus significados produzidos pela reflexão (Mesquita-Pires, 2010).

2.3. Objetivos da Investigação

O desenvolvimento de objetivos, tanto gerais como específicos, são parte estruturante de qualquer trabalho de investigação e/ou intervenção.

Assim sendo, o objetivo geral definido para este trabalho é:

- Compreender de que forma o uso do caligrama poderá ser uma ferramenta pedagógica motivadora no desenvolvimento da escrita no 1.º Ciclo do Ensino Básico, numa turma de 22 crianças do 2.º ano de escolaridade.

Os objetivos específicos são:

- Promover o gosto pela escrita, criando atividades prazerosas geradoras de sentimentos positivos;
- Estimular a imaginação dos alunos, incentivando a sua criatividade na escrita de textos;
- Proporcionar aos alunos momentos de aprendizagem significativos.

2.4. Amostra: constituição e caracterização

A presente prática pedagógica foi realizada numa turma do 2.º ano de escolaridade, sendo esta constituída por 22 alunos, 7 do sexo feminino e 15 do sexo masculino. No início do ano letivo, esta turma acolheu dois alunos que se encontram a repetir o 2.º ano, tendo ficado retidos neste estabelecimento de ensino no ano anterior. Em suma, e como é natural, alguns alunos destacam-se pela positiva, enquanto outros manifestam alguns problemas e outros, ainda, aparentam um desempenho dito normal.

Desta forma, e pela positiva, no que à forma com que abordam as atividades letivas diz respeito, destacam-se nove alunos. Todos eles apresentam uma facilidade muito vincada na assimilação das tarefas que lhes são propostas, sendo muito ativos e empenhados no acompanhamento das atividades letivas, denotando-se um grande propósito nas suas intervenções. Envolvidos nas atividades, mas de uma forma menos efetiva, a considerar cinco alunos. Deste grupo, é importante referir que um dos alunos se distrai com maior facilidade, revelando ainda muitas dificuldades na leitura e, por conseguinte, ao nível da interpretação. Contudo, nenhum deles revela dificuldades particulares, podendo mesmo dizer-se que apresentam potencialidade para uma aprendizagem ainda mais bem conseguida.

Por outro lado, dois alunos apresentam algumas dificuldades, mas revelam, em sala de aula, uma postura quase sempre muito comprometida com as aprendizagens e as tarefas que lhes são propostas. A aluna é acompanhada no Hospital Pediátrico do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra e, o professor titular da turma, aguarda o relatório

inicial para poder estabelecer, se necessárias, outras medidas que contribuam para colmatar as dificuldades desta aluna. O aluno, por seu turno, integrou a turma sem problemas e tem vindo a envolver-se de uma forma progressivamente mais marcada. Apesar de alguns problemas ao nível da leitura e interpretação de textos, tem apresentado um desempenho muito razoável a Matemática e revela uma crescente confiança. Revelando alguns problemas de concentração, devemos referir seis alunos ainda que em diferentes registos. Assim, dois destes alunos não apresentam quaisquer dificuldades de aprendizagem, mas manifestam comportamentos erráticos e muitas vezes desadequados ao contexto de uma sala de aula em funcionamento normal, prejudicando os colegas e a prática letiva. Como no passado, tem-se procurado variar a sua “localização” no espaço, tendo como objetivo circunscrever a sua ação e impedi-los de “chocar” entre si e com os demais alunos. Destes dois alunos, um está já proposto para apoio e acompanhamento psicológico no âmbito do projeto “Planos Integrados e Inovadores de Combate ao Insucesso Escolar” – PIICIE, medida que já se encontra em implementação, enquanto o outro aluno é apoiado por uma psicóloga particular. Saliente-se que estes comportamentos não são contínuos, mas conseguem ser suficientemente disruptores para condicionarem a sua aprendizagem, bem como a dos colegas, tendo resultado quase sempre infrutíferas as tentativas do docente de os erradicar de forma sustentada.

2.5. Instrumentos de Recolha de Dados

De acordo com Coutinho et al. (2009), uma investigação realizada segundo a metodologia da investigação-ação, aliás, tal como qualquer ato de investigação, baseia-se em formas de recolha da informação, que a própria investigação vai proporcionando e, no caso do professor/investigador, este tem de ir procedendo à recolha da informação sobre a sua própria ação ou intervenção, no sentido de analisar com mais distanciamento os efeitos da sua prática letiva.

Para tal propósito, Latorre (2003) apresenta um conjunto de técnicas e de instrumentos de recolha de dados, que se divide em três categorias:

- a) Técnicas baseadas na observação: centradas na perspetiva do investigador, em que este observa em direto e presencialmente o fenómeno em estudo;
- b) Técnicas baseadas na conversação: centradas na perspetiva dos participantes e enquadram-se nos ambientes de diálogo e de interação;

- c) Análise de documentos: centra-se também na perspetiva do investigador e implica uma pesquisa e leitura de documentos escritos que se constituem como uma boa fonte de informação.

Segundo Coutinho et al. (2009), estas técnicas e instrumentos podem ainda classificar-se da seguinte forma:

- a) Instrumentos (lápiz e papel): testes, escalas, questionários e observação sistemática;
- b) Estratégias (interativas): entrevistas, observação participante e análise documental;
- c) Instrumentos audiovisuais: vídeo, fotografia, gravação áudio e diapositivos.

Tendo em conta o que foi descrito nos parágrafos anteriores, neste trabalho foram utilizadas técnicas baseadas na observação, nomeadamente a observação participante; foi feita a análise de documentos oficiais como livros, revistas, artigos de jornais e, ainda, utilizados os meios audiovisuais, com destaque a fotografia.

Segundo Coutinho et al. (2009), a fotografia destaca-se por ser uma técnica de excelência na Investigação-ação, na medida em que se converte em documentos de prova da conduta humana com características retrospectivas e muito fiáveis do ponto de vista da credibilidade.

2.6. Análise dos Dados

A análise dos dados foi realizada mediante observação direta em contexto de sala de aula e através da evolução das produções escritas, caligramas, de cada um dos alunos da turma. Para melhor avaliar os trabalhos realizados, foi elaborada uma tabela de registo de avaliação para cada uma das cinco atividades propostas.

Inicialmente, os critérios de avaliação utilizados para a avaliação dos trabalhos das diferentes atividades eram comuns. Contudo, com o desenrolar de cada uma das atividades, face às dúvidas e dificuldades apresentadas por alguns alunos, houve a necessidade de reajustar o plano de ação previamente definido. Ora, estes reajustes conduziram à redefinição dos objetivos de cada uma das atividades e, por conseguinte, dos critérios de avaliação já definidos. Tudo isto se deveu à natureza do trabalho desenvolvido de carácter reflexivo. No final de cada uma das propostas de trabalho, após um breve diálogo

com o grupo e da análise dos caligramas produzidos pelos alunos (individualmente), a proposta de atividade seguinte era repensada com o objetivo de colmatar algumas das dificuldades sentidas pelos alunos e de tornar, a mesma, ainda mais motivadora para o grupo.

O registo efetuado em cada uma das tabelas de avaliação, permitiu-me perceber com clareza a evolução de cada um dos alunos ao longo deste estudo, bem como a evolução do grupo como um todo.

2.7. Apresentação do Plano de Ação

Todo o plano de ação foi cuidadosamente desenhado tendo como premissa proporcionar aprendizagens mais significativas, sendo criadas atividades com vista à promoção do envolvimento ativo dos alunos e à construção de conhecimentos mais relevantes.

Para David Ausubel a “aprendizagem significativa é o processo através do qual uma nova informação (um novo conhecimento) se relaciona de maneira não arbitrária e substantiva (não-litera) à estrutura cognitiva do aprendiz” (Moreira, 2011, p. 26). Mas para que uma aprendizagem seja efetivamente significativa são necessárias duas condições: a primeira, diz respeito ao aprendiz que deve ter disposição para aprender; a segunda, à natureza do conteúdo devendo este ser lógico e psicológico, isto é, ter uma experiência pessoal (Pellizari et al, 2002). Tendo em consideração o que foi referido anteriormente, é possível afirmar que no processo de ensino-aprendizagem, o aluno assume o papel de sujeito da sua própria aprendizagem, dependente dos seus conhecimentos prévios e da interação com o meio, dando origem a novos conhecimentos mais significativos, indo contra os métodos tradicionais que privilegiam a memorização.

O plano de ação (apêndice 1) é constituído por cinco atividades de produção escrita de caligramas, com objetivos bem definidos, respetiva descrição das estratégias de ação, bem como os recursos necessários à sua realização e a respetiva avaliação. A escolha dos temas de cada um dos caligramas não foi aleatória. A anteceder o desenvolvimento de cada uma das atividades, os temas foram trabalhados e discutidos em grande grupo, existindo espaço para a partilha e debate de ideias, promovendo, desta forma, o envolvimento de cada aluno na realização dos seus caligramas. Assim, outras componentes do currículo foram fundamentais para o desenvolvimento destas atividades, nomea-

damente a Educação Artística através dos domínios da Expressão e Criação e da Interpretação e Comunicação, bem como a Cidadania e Desenvolvimento através dos domínios Interculturalidade, Direitos Humanos e Bem-estar Animal.

2.8. Dificuldades encontradas durante a realização do projeto

Não é por acaso que neste trabalho a descrição da turma, sobre a qual foi aplicado este projeto, surja de forma tão pormenorizada. Na verdade, as dificuldades com que me defrontei durante a execução do meu plano de ação foram muitas e de diferente natureza. É de igual forma importante deixar aqui claro que, consciente das características presentes na turma, tive o cuidado de falar com o professor titular de turma e de lhe apresentar o meu projeto para perceber até que ponto seria ou não exequível. E foi graças à posição otimista e entusiástica revelada por este que o projeto avançou.

Um dos obstáculos que se revelou uma constante ao longo de toda a aplicação deste projeto foram as ausências de alunos, ora por doença, ora por necessidade de terapias, ou então porque tinham de estar com a professora de ensino especial num espaço mais reservado e sem distrações. Das cinco atividades desenvolvidas apenas numa delas consegui ter presentes todos os elementos da turma. No entanto, nem tudo se revelou negativo. Muitas das vezes, estes alunos pediram-me que lhes explicasse o desenvolvimento da atividade realizada na sala de aula, porque gostariam de a fazer em casa. Através destes acontecimentos consegui perceber que as atividades despertavam efetivamente interesse nos alunos.

Também foi recorrente a recusa de uma aluna em seguir as orientações de trabalho que eram elencadas nas atividades propostas, preferindo construir um pequeno texto que depois ilustrava. Apenas na presença permanente da professora de apoio é que a aluna seguia corretamente as indicações dadas. No entanto, face às características desta aluna e tendo em conta que o principal objetivo deste trabalho é gerar motivação na escrita, não considero este um ponto negativo, pois a aluna produziu um texto, ainda que não o tivesse feito nos moldes que eram pedidos.

CAPÍTULO III – AÇÕES PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS DURANTE A PRÁTICA EM CON- TEXTO

3.1. Atividade n.º 1: A carta do Sapo apaixonado

Nas duas últimas aulas de português, a turma trabalhou pequenos excertos do livro “O Sapo apaixonado”, de Max Velthuijs. Este maravilhoso livro conta-nos a história de um Sapo Verde, que se apaixona por uma linda Pata Branca, mas sem coragem de assumir os seus sentimentos. Ao longo do livro apercebemo-nos do desassossego dos seus amigos: como poderá o Sapo se apaixonar por uma Pata? Um sapo apaixonado por uma pata, ainda para mais de outra cor, gerou uma pequena e interessante discussão em grande grupo sobre o respeito pela diferença e discriminação, para além da importância pelo respeito dos sentimentos dos outros. Este é ainda um livro que nos fala sobre o valor da amizade, pois os animais nunca desistiram de ajudar o Sapo a compreender os seus sentimentos.

3.1.1. Desenvolvimento da atividade

Tendo por premissa esta história, lancei à turma o desafio: “O Sapo Verde está apaixonado, mas não consegue expressar os seus sentimentos diante da Pata. Vamos ajudá-lo a escrever uma carta à sua amada?”. Recordando a turma de que o Sapo gosta de fazer coisas diferentes, propus ao grupo escrever um caligrama.

Com recurso ao PowerPoint (anexo 1) foi projetado no quadro interativo um pequeno excerto do poema “A Bailarina”, de Cecília Meireles. Foi feita a leitura em grande grupo, bem como a análise das estrofes, dos versos e das rimas. Em seguida, questionei a turma sobre a possibilidade de se fazer poesia de uma forma diferente. Pedi aos alunos que tomassem atenção na imagem que, entretanto, projetei e que me descrevessem o que viam. Foi através desta análise, que a turma aprendeu o conceito de caligrama. Num caligrama, as palavras ou versos organizam-se de tal forma que dão origem a uma imagem, imagem esta que está relacionada com o tema do caligrama. Foram ainda analisados caligramas feitos por outras crianças e de alguns autores, com o objetivo de facilitar um pouco mais a compreensão deste conceito.

Figura 3

Trabalho Final do Aluno K



Retomando o desafio lançado no início da aula, em grupo, foi construído um pequeno caligrama no quadro. Em seguida, distribuí por cada aluno uma pequena ficha de trabalho “A carta do Sapo apaixonado” (anexo 2). Nesta ficha, cada um dos alunos escreveu alguns versos, fez um esboço do seu desenho e, por fim, construiu o seu caligrama, como ilustra a figura 3. Cada um dos alunos recebeu, ainda, um envelope que preencheu e onde colocou o seu caligrama para enviar à Pata branca.

3.1.2. Reflexão sobre a atividade

Relativamente à apreensão do conceito de caligrama, as dúvidas que surgiram foram as esperadas: confusão entre texto e ilustração ou, então, com a Banda Desenhada, sendo que esta última foi aquela que mais se destacou no grupo. Durante a realização da ficha de trabalho ainda houve dois alunos que começaram os seus trabalhos por escrever um pequeno texto e, em seguida, a aluna ilustrou ao passo que o outro aluno começou por construir uma pequena Banda Desenhada. Depois de explicar individualmente o conceito de caligrama, mostrando novamente exemplos, estes alunos insistiram em manter as suas linhas de trabalho.

Outra dificuldade que verifiquei ao longo da elaboração dos caligramas foi a escolha da imagem. A maioria optou pelo coração (anexo 3), símbolo que expressa o amor ou a paixão, mas também houve quem se destacasse pela sua criatividade como aconteceu com o aluno da figura 4, cujo caligrama é uma rosa ou então o caligrama em forma de gelado, que expressa o convite do Sapo à Pata de saírem para comer um gelado (anexo 4). É importante salientar, que mesmo os caligramas em forma de coração apresentam elementos muito pessoais de cada aluno (anexo 5).

Figura 4

Aluno V na Execução do seu Caligrama



De um modo geral, penso que esta primeira atividade se revelou bastante positiva. Apesar das dificuldades iniciais, a turma estava visivelmente motivada na produção dos seus caligramas. Além de partilharem lápis e marcadores, os alunos partilharam ideias

e foi notável o seu empenho na tarefa colocada, pois todos os alunos queriam ajudar o Sapo apaixonado.

3.1.3. Avaliação

Para a avaliação da atividade proposta foram definidos quatro parâmetros, como pode ser observado na grelha de observação n.º 1 (apêndice 2): identificar as características de um caligrama; elaborar um caligrama; elaborar um texto e participar de forma empenhada na tarefa proposta.

Relativamente ao primeiro parâmetro de avaliação houve dois alunos que se destacaram pela negativa, pois não foram capazes e/ou recusaram-se a identificar as características de um caligrama. A aluna C recusou-se a executar a atividade tal como era pedida, mesmo depois de perceber o que era um caligrama. Uma vez que esta aluna estava motivada em escrever a carta do Sapo, ainda que não de acordo com o que era pedido, permiti que assim continuasse a trabalhar, embora no final não pudesse avaliar o seu texto de acordo com os parâmetros definidos. Já o aluno N revelou verdadeiras dificuldades em perceber este conceito, mesmo depois de explicado e exemplificado. Na sua grande maioria a turma compreendeu o que é um caligrama e conseguiu construir o seu. Quatro alunos revelaram algumas dificuldades na elaboração do seu poema o que se repercutiu na elaboração dos caligramas. No que concerne ao seu empenho durante a execução da atividade, no geral esta revelou-se bastante positiva, apesar de uma ou outra contrariedade.

Fazendo uma avaliação global da atividade, dou-lhe uma classificação positiva, pois os dois principais objetivos foram atingidos: a grande maioria dos alunos compreendeu o que é um caligrama e foram capazes de elaborar um.

3.2. Atividade n.º 2: Lenço dos Afetos

No dia 14 de fevereiro, comemora-se o dia de S. Valentim, também conhecido como o Dia dos Namorados ou o Dia dos Afetos. No Minho, este dia é associado ao Lenço dos Namorados, artesanato sobejamente conhecido pela sua beleza, simbolismo e originalidade. A história envolta nestes lenços delicia mesmo os mais pequeninos, transportando-os para um tempo de pura simplicidade, onde não existiam os meios tecnológicos

que permitissem às pessoas daquele tempo enviar um email ou uma simples mensagem de texto.

Com recurso ao PowerPoint (anexo 6) foram projetados no quadro interativo alguns exemplos de Lenços dos Namorados, chamando a atenção da turma para os elementos nestes presentes (flores, pássaros, corações) bem como os versos de amor neles inscritos. Estes lenços são uma verdadeira prova do nosso património oral, pois os versos estão escritos da forma como as pessoas falavam na época. Enquanto mostrava as imagens de alguns lenços, expliquei à turma que estes eram bordados pelas moças solteiras, em idade de casar, e depois dados ao seu apaixonado. Dando-se o caso de o lenço ser aceite, este era colocado na aba do chapéu ou no casaco domingueiro, caso contrário era devolvido à rapariga. Falar sobre o modo de vida dos avós, ou das bisavós envolveu toda a turma numa partilha de ideias absolutamente interessante. Como era possível viver sem telemóveis e sem internet? Não existir televisão a cores e com tantos canais? Videojogos? Roupa domingueira? O que é isso? Os alunos tiveram a oportunidade de saber um pouco mais de uma realidade não tão distante da sua, e de perceber como algumas coisas, como o envio de mensagens, evoluiu ao longo do tempo.

3.2.1. Desenvolvimento da atividade

Inspirada pela beleza e simbolismo desta arte nasceu a atividade “Lenço dos Afetos”. Depois de analisarmos alguns dos lenços projetados, lancei o desafio à turma “Vamos construir o nosso Lenço dos Afetos?”.

Foi pedido aos alunos que apenas deixassem na sua mesa material de escrita e marcadores. Em seguida, distribuí por cada um dos alunos uma pequena ficha de trabalho (anexo 7), onde estes teriam de elaborar o seu esboço do Lenço dos Afetos. Expliquei ao grupo, que deveriam pensar numa pessoa que fosse especial para si (mãe, pai, irmãos, avós ou amigos) e que fizessem um pequeno caligrama dedicado a essa pessoa. Esse caligrama seria depois escrito num papel redondo rendado e decorado a gosto, como mostra acima a figura 5. Depois

Figura 5

Aluna M na Execução do seu Caligrama



de todos os trabalhos estarem concluídos, seria feita uma pequena exposição no corredor da escola com todos os lenços para que toda a comunidade educativa pudesse ver.

3.2.2. Reflexão sobre a atividade

Esta foi sem sombra de dúvida uma atividade que envolveu verdadeiramente toda a turma. A história sobre o “Lenço dos Namorados” levou as crianças a viajar pelo tempo, a recordar histórias contadas pelos seus avós e as partilharem com o resto da turma, a identificarem-se com os erros ortográficos que apareciam nos lenços que viram e a perceberem como algumas palavras da nossa língua evoluíram ao longo do tempo. A contextualização do tema permitiu construir uma verdadeira aprendizagem significativa, pois toda a turma se empenhou ao máximo na construção do seu caligrama. Ainda assim, a pedido de um ou outro aluno, coloquei no quadro interativo um PowerPoint (anexo 8), onde estavam alguns exemplos de caligramas. Achei este pedido perfeitamente natural, uma vez que o espaço temporal entre uma e outra atividade era já de cerca de um mês.

Os alunos seguiram as indicações dadas e escreveram os seus versos na ficha de trabalho que, só depois de corrigidos, foram usados para construir o seu caligrama. Um outro facto que ajudou a gerar motivação na realização desta atividade foi o papel (guardanapo) rendilhado. A turma nunca tinha trabalhado com este tipo de material, então ficaram surpreendidos com os seus relevos e cortes, que aproveitaram para colorir e embelezar ainda mais o seu trabalho.

Alguns dos versos foram escritos propositadamente com um ou outro erro ortográfico a pedido de alguns alunos, pois queriam que os versos do seu caligrama fossem parecidos com os dos lenços que viram.

Todos os alunos quiseram ver os seus trabalhos expostos no corredor da escola, como é possível observar mais abaixo, na figura 6, e todos cooperaram na preparação da pequena exposição.

Em suma: Esta foi uma atividade contextualizada, onde houve uma verdadeira apropriação do tema por parte da turma. A motivação para a criação dos caligramas foi geral, tendo aqui também se destacado os materiais usados, como o papel rendilhado, que ajudou a tornar esta atividade ainda mais atrativa para a turma.

Figura 6

Fotografia da Exposição “Lenço dos Afetos”



3.2.3. Avaliação

Para a avaliação desta segunda atividade foram estabelecidos quatro critérios: Criatividade; Relevância Visual; Expressão de Emoções ou Ideias e Impacto Geral. No critério da Criatividade será avaliada a inovação e originalidade evidentes ou não no caligrama de cada aluno. Já na Relevância Visual o nível de conexão entre o tema e a imagem no caligrama serão avaliados. A Expressão de Emoções ou Ideias diz respeito ao nível de expressividade e clareza com que cada aluno expressa as suas ideias no caligrama. Finalmente, o Impacto Geral onde a apresentação do caligrama é avaliada como um todo. Cada um destes critérios vai do quatro até um, sendo que 4 corresponde a Muito Bom, 3 a Bom, 2 a Satisfatório e 1 a Pouco Satisfatório. Esta classificação permitirá perceber a evolução de cada um dos alunos ao longo das atividades.

Através da análise da grelha de avaliação n.º 2 (apêndice 3), é possível perceber que na sua grande maioria os caligramas foram criativos. Praticamente todos os alunos conseguiram estabelecer uma boa conexão entre o tema do seu caligrama e a imagem que usaram para dispor os pequenos versos que criaram. Na forma como expressaram as suas ideias e/ou emoções alguns trabalhos estão sujeitos a melhoramento, mas nada que seja demasiado significativo. O impacto causado por cada um dos caligramas foi muito bom, imagem clara, versos delineados e cores vivas, como é possível observar nos anexos 9, 10, 11 e 12 deste trabalho.

Apenas dois alunos não conseguiram realizar aquilo que era pretendido. Embora tenham criado alguns versos na sua folha de trabalho, ao passarem para a folha rendilhada fizeram um pequeno desenho ao lado dos mesmo e depois coloriram. Como uma das intenções desta atividade é promover a motivação da escrita, decidi integrar estes dois trabalhos na exposição realizada.

3.3. Atividade n.º 3: Primavera

A primavera chegou e nada melhor do que elaborar um pequeno caligrama para festejar. Antes de dar início à atividade, distribuí por cada aluno da turma uma pequena ficha de trabalho (anexo 13) com um belíssimo poema de Cecília Meireles “Leilão de Jardim”. Foi feita a leitura em grande grupo, identificado o tipo de texto presente, o número de estrofes e versos e, por fim, feita a caça às rimas.

Através de rimas simples e de pequenas perguntas, este poema convida-nos a observar a natureza à nossa volta, fazendo menção a seres vivos que convivem diariamente connosco, como a borboleta e os passarinhos, e que grande parte das vezes nem nos damos conta. Este foi um verdadeiro convite à turma para, por breves instantes, espreitar a natureza que existe para além das janelas da sala de aula. Chegar ao tema implícito neste poema não foi nada difícil para os alunos, até porque para grande parte destes, a primavera é a sua estação preferida.

3.3.1. Desenvolvimento da atividade

Após uma breve partilha de ideias e de histórias que este tema despertou na turma, resolvi colocar o desafio aos alunos: “Vamos construir um caligrama sobre a primavera?”. Antes de explicar a atividade, pedi aos alunos que tivessem em cima da sua mesa material de escrita, marcadores e a folha do dia. Em seguida, expliquei aos alunos que deveriam de pensar no que mais gostam na primavera ou o que esta estação do ano significa para si e depois, na folha do dia, escrevessem alguns versos ou palavras e fizessem um pequeno esboço da imagem que pretendiam criar. Oralmente, recordei com a turma os passos básicos para a elaboração de um caligrama: a definição do tema, neste caso “A primavera”;

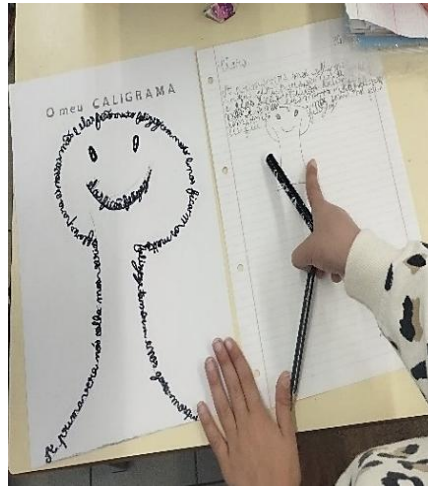
a escolha de palavras ou de frases relacionadas com o tema; definir a imagem que o caligrama irá assumir; e, por fim, elaborar o caligrama, podendo usar cor ou outros elementos que o enriqueçam.

À medida que cada aluno terminava o esboço do seu caligrama, fui entregando uma folha em branco onde seria elaborado o trabalho final, conforme exemplificado na figura 7.

Enquanto os alunos trabalhavam as suas produções textuais, fui deambulando pelas mesas para retirar algumas dúvidas.

Figura 7

Trabalho Elaborado pela Aluna B



3.3.2. Reflexão sobre a atividade

O tema “A primavera” despertou grande motivação na turma. A energia positiva que esta estação do ano transmite, pela alegria das suas cores, dos seus cheiros, do cantar dos animais, pela vida que se multiplica, trouxe para dentro da sala de aula uma enorme alegria. Dada a diversidade de ideias, o problema surgiu em colocá-las no papel. Antes dos alunos começarem a escrever os primeiros versos na folha do dia, foi necessário fazer um pequeno exercício de organização de ideias, começando pela razão que levava cada um a gostar tanto da primavera. Seriam as flores, as árvores ou os animais que tornavam a primavera tão peculiar? Se eram as flores, o que as tornava tão especiais? Então e as árvores, como ficam na primavera? O que nos dão? Estas foram algumas das questões colocadas à turma, na tentativa de ajudar cada aluno a construir uma linha de pensamento. Já com uma ideia definida daquilo que pretendiam fazer, alguns alunos ainda solicitaram a ajuda da professora pois queriam criar algumas rimas.

Uma outra questão colocada por alguns alunos da turma relacionou-se com a extensão do seu texto poético, se este tinha de ser muito grande, pequeno ou até, se poderia ter apenas uma palavra. Aproveitei esta janela de oportunidade para reforçar a ideia na turma, de que o importante no caligrama é a imagem visual refletir a ideia que está expressa no poema e que não existe um número mínimo ou máximo de palavras para

expressar uma ideia. Podemos usar apenas uma frase ou até uma palavra e com isso construir o nosso caligrama.

Deambulando pela mesa de cada aluno, fui retirando dúvidas e incentivando os alunos nas suas criações, colocando algumas questões e fazendo algumas observações.

3.3.3. Avaliação

Observando a grelha de avaliação n.º 3 (apêndice 4) é possível perceber que foram mantidos os quatro critérios da avaliação anterior (Criatividade, Relevância Visual, Expressão de Emoções/Ideias e Impacto Geral), bem como as mesmas cotações (4- Muito Bom a 1- Pouco Satisfatório).

Os alunos I e U realizaram o caligrama, desviando-se um pouco do tema. Ambos usaram a imagem visual de um gelado, justificando a sua escolha com os dias em que está mais quente na primavera e que já comem um gelado. Contudo, o texto que envolve cada um dos caligramas não vai ao encontro do tema. Além disso, embora exista o uso de cores e o texto se disponha em torno da imagem do gelado, a sua apresentação é descuidada e pouco harmoniosa.

A flor é a imagem visual predominante nos caligramas da turma. O aluno A, sensibilizado com a situação da guerra na Ucrânia, decidiu dar as cores da bandeira deste país à sua flor (anexo 14). Esta imagem foi conseguida com a repetição da palavra “flor”. Os alunos F, k, P e Q também usaram como imagem visual do seu caligrama a flor, colocando muitas cores, dispondo os seus versos de forma a dar origem às pétalas da flor ou então ao caule (anexos 15 e 16).

Outra imagem predominante nos caligramas da turma foi a árvore. A aluna B optou por usar a imagem visual da árvore embora o seu texto fale de flores, pois é nas árvores que esta menina apanha flores para dar à mãe na primavera. Já o aluno C construiu a imagem visual do seu caligrama usando o verso e desenho.

Para a aluna N, primavera é sinónimo de dias solarengos e, por esse motivo, a imagem visual do caligrama é o sol. O contorno do sol é delineado por alguns versos e os raios deste pela palavra “calor”. Sobressai aqui a criatividade, a ligação entre texto e tema, a emoção positiva que esta estação do ano provoca nesta aluna, bem como a harmoniosa

conjugação entre tudo o que compõe este caligrama. É um caligrama colorido e sorridente o desta aluna (anexo 17).

No caligrama do aluno G é possível identificar três imagens distintas: uma árvore, uma flor e um pássaro (anexo 18). A imagem visual da árvore é conseguida através dos versos escritos pelo aluno. Esta árvore é ainda contornada pela palavra “piu” que representa os “pássaros que podem ficar na árvore”. Um pássaro é ainda formado através do verso neste caligrama. Não esquecendo as flores que tanto caracterizam esta estação do ano, este aluno ainda desenhou uma flor que delineou com um pequeno verso. Tudo neste trabalho se encaixa: criatividade, texto e tema, expressão de ideias e um excelente impacto visual.

O aluno V optou também por usar várias imagens visuais no seu trabalho, desde árvores, flores, coelho, panda e um gato, expressando a alegria que esta estação traz à natureza. Na mesma linha de ideias, excetuando os animais, seguiu o aluno E.

A aluna R, entre versos e desenho, criou a imagem visual de uma borboleta. É um caligrama simples, bem organizado e harmonioso (anexo 19).

Como a primavera é uma estação bastante antiga, na verdade sempre existiu, o aluno L decidiu expressar esta passagem do tempo através da imagem visual de um relógio antigo. O aluno desenhou o relógio, e escreveu no seu interior “P, PR, PRI, PRIM, (..) PRIMAVERA”, para dar a sensação de passagem do tempo nesta estação (anexo 20).

De um modo geral, comparando com a atividade anterior, é possível verificar uma grande evolução quer ao nível da criatividade, da expressão de ideias, da relação entre texto e tema, bem como da apresentação final de cada caligrama.

3.4. Atividade n.º 4: Sou único

O livro “O Grilo Verde”, de António Mota, conta-nos a história de um pequeno grilo que um dia foi viver para a horta do Tio Manuel Liró. Este não era um grilo qualquer, era um grilo verde e que em dias de sol e noites estreladas, punha-se a assobiar modinhas. Os grilos que moravam ali por perto, como não eram verdes nem sabiam assobiar, não achavam muita graça ao novo inquilino, sentiam-se afrontados, pois não é coisa de grilo

ser verde e assobiar. Os grilos pretos queriam mudar o Grilo Verde e começaram a ameaçá-lo. Se ele não se tornasse preto e começasse a cricrilar, os grilos pretos, prendê-lo-iam no buraco mais fundo que conseguissem cavar. Numa intensa reviravolta na história, quem acaba preso no fundo de um buraco muito escuro são os grilos pretos, que se arrependem por não ter respeitado as diferenças e acabam por ser salvos pelo Grilo Verde. No fim da história, os grilos pretos percebem que cada um é como é e que, por isso, devemos de aceitar e respeitar as diferenças uns dos outros.

Este é o livro perfeito para trabalhar com as crianças o tema da discriminação, do não respeito pelas diferenças e da importância destas diferenças, que torna cada um de nós seres únicos.

3.4.1. Desenvolvimento da atividade

A atividade teve início com a leitura do título de um pequeno excerto do livro “O Grilo Verde”, de António Mota. Para uma melhor compreensão da mensagem que o autor pretende passar com esta história, foram sendo colocadas algumas questões à turma. “Alguma vez viram um grilo verde?”. Depois de um breve diálogo sobre esta questão, foi feita a leitura coletiva do texto e a sua interpretação, tendo em conta as personagens, o local em se desenrola toda a ação e os motivos que levariam os grilos a agirem daquela forma (anexo 21).

“Estará correto o que os grilos pretos tentaram fazer ao Grilo Verde?”. Após uma breve partilha de opiniões, foi pedido a cada aluno que olhasse para o seu colega de mesa e escrevesse na sua folha do dia as suas principais características. Em seguida, que fizessem uma breve reflexão sobre as suas e que também as registassem. Depois deste momento de reflexão, coloquei mais algumas questões à turma: “Vocês são todos iguais? Têm todos olhos azuis ou cabelo preto?”. “Concordam com a postura do Grilo Verde face ao que está a acontecer?”. Com estas questões, os alunos foram conduzidos a uma breve discussão sobre o tema da discriminação e do não respeito pela diferença.

Figura 8

Trabalho Elaborado pelo Aluno J



Posteriormente, foi pedido à turma, que esboçasse um pequeno texto, na folha do dia, que falasse sobre si e as suas principais características. Depois de corrigido, foi dada a cada aluno uma folha com o título “Sou único” e uma impressão digital em papel (anexo 22). Cada aluno escreveu o seu texto na impressão digital, dando origem a um caligrama, que depois recortou e colou na folha, como é possível observar acima na figura 8. Nessa mesma folha, cada aluno teve ainda de se desenhar. Durante a atividade, foi explicado à turma o significado de uma impressão digital.

3.4.2. Reflexão sobre a atividade

O tema da aula foi carinhosamente trabalho por toda a turma. Todos concordaram que os grilos pretos se portaram mal com o Grilo Verde, pois não souberam respeitar as diferenças que acabavam por tornar o Grilo Verde tão especial. As crianças compreenderam que nós não somos todos iguais, que somos diferentes e que são essas mesmas diferenças que nos tornam seres únicos, como a impressão digital que fizeram.

A pequena reflexão feita sobre si mesmo, bem como as observações feitas durante o jogo de pares, ajudou cada um dos alunos na elaboração do pequeno texto poético. Denotou-se uma grande preocupação por parte de alguns alunos, em usar a comparação e a rima, como por exemplo a aluna R quando diz “e a minha pele / tem cor de mel”, ou o aluno L “Eu tenho olhos castanhos / como o chocolate, / tal como a minha pele / que parece mel.” A pele cor de mel foi uma ideia que se espalhou e generalizou pela turma.

Uma das dificuldades sentidas pelos alunos foi a de preencher toda a imagem da impressão digital, adotando diferentes estratégias para ultrapassar isso, como aumentar o tamanho da letra, repetir os versos e até mesmo acrescentar alguns elementos pessoais como corações e balões. Reduzir o tamanho da imagem dada aos alunos teria sido uma boa solução.

Figura 9

Trabalho Elaborado pela Aluna N



A grande maioria da turma optou pelo uso das cores, tanto nas letras do texto como no preenchimento da própria impressão digital. Três alunos quiseram ainda desenhar e colorir à volta da impressão digital elevando toda a sua expressão artística e tornando a atividade mais lúdica, como podemos observar mais acima na figura 9.

No geral, senti que toda a turma se envolveu verdadeiramente nesta atividade, pela preocupação na elaboração do texto poético e disposição do mesmo, no uso de cores tanto para escrever como para colorir dentro e fora da impressão digital, e também pelos constantes pedidos de opinião para ver se estava bem ou mal o que escreviam na folha do dia, pois queriam que o seu trabalho ficasse “muito giro”.

3.4.3. Avaliação

Ao contrário daquilo que tem vindo a ser trabalhado nas atividades anteriores, em que o caligrama é trabalhado como um todo, nesta o foco foi o poema, promovendo a exploração das emoções, do conteúdo, bem como do tema. Nesta atividade encontramos o incentivo à prática da escrita sem a inquietação da manipulação da forma do caligrama, favorecendo a interatividade entre a mensagem que se pretende transmitir com a imagem pré-existente.

Para além do habitual critério de criatividade que tem vindo a acompanhar as avaliações das atividades, nesta atividade serão também avaliados os seguintes critérios: Relevância Visual, onde é avaliada a conexão entre texto e a imagem dada; Uso do Espaço, sendo avaliada a forma como os alunos distribuem as palavras pela imagem dada; e Apresentação Geral, onde é avaliado o impacto geral causado pelo caligrama.

Tendo por base a análise da grelha de avaliação n.º 4 (apêndice 5), é possível observar que a criatividade é claramente evidente em oito alunos (D, E, G, L, M, N, P e R), pela disposição das palavras, pelo uso das cores e até de alguns elementos pessoais que vieram enriquecer ainda mais os seus trabalhos. Todos estes fatores contribuíram para que no final os caligramas tivessem uma apresentação muito agradável (anexos 23 e 24). Cinco trabalhos não se revelaram muito criativos, embora um ou outro aluno ainda tivesse usado cores na escrita das palavras.

O uso do espaço da imagem dada, que no início se revelou um enorme desafio para os alunos, foi depois ultrapassado com alguma criatividade. Destacando-se pela negativa temos o aluno I que não terminou o seu trabalho.

Quando ao critério “Relevância Visual”, as ideias de alguns alunos foram muito pouco exploradas e trabalhadas, daí o resultado de alguns trabalhos não ter sido tão positivo.

3.5. Atividade n.º 5: Animal de estimação

Quando o tema na sala de aula são os “Animais”, de imediato desperta o interesse e curiosidade das crianças, podendo este ser trabalhado de diferentes formas, tornando a aprendizagem mais divertida e envolvente.

Para a realização desta atividade resolvi dar a conhecer à turma o poema “Animais de estimação”, de Maria do Rosário Macedo. Este pequeno poema exprime o desejo de uma criança em ter um animal de estimação, mas a sua mãe continua a dizer que não. A que se deverá esta recusa da mãe? Num diálogo em grande grupo, recordamos as diferentes classes de animais, os seus revestimentos, alimentação e habitat. Cada aluno falou do/s seu/s animais de estimação e da forma como os tratava e brincava com eles. Descobrimos que os animais também têm direitos: direito de ser respeitado, direito a cuidados, à atenção e proteção do homem. Não basta só querer um animal, é preciso ter consciência de que estes precisam de ser alimentados, de ter um abrigo entre outras necessidades.

3.5.1. Desenvolvimento da atividade

A atividade teve início com a fixação, numa cartolina A3, do poema “Animais de estimação”, de Maria do Rosário Macedo, no quadro de giz da sala (anexo 25).

Foi feita a leitura do poema em grande grupo e a análise do mesmo, tendo em conta o número de estrofes, o número de versos, bem como a rima.

Ainda antes da realização da atividade de escrita, houve tempo para a realização de um pequeno jogo de memória. O poema foi lido pela professora mais duas vezes e depois retirado do quadro. À vez, seis alunos retiraram uma estrofe da mão da professora e, em conjunto com a turma, tiveram de adivinhar o lugar que ocupava dentro do poema.

Depois de todas colocadas, a professora afixou novamente o poema no quadro para a turma saber se tinha ou não acertado.

Depois disto, à nomeação da professora estagiária, cada um dos alunos levantou-se e retirou da mão da professora (sem espreitar) um pequeno papel onde estava uma das quadras que formam o poema. Em seguida, foi explicado à turma como se desenvolveria a atividade. Cada um dos alunos teve de reescrever a quadra que lhe saiu, mas em forma de caligrama.

Após a conclusão dos trabalhos, a turma escolheu seis caligramas e reconstituiu o poema original. Os dois foram afixados lado a lado, para que fosse possível à turma comparar os poemas.

3.5.2. Reflexão da atividade

Na calendarização inicial, o desenvolvimento desta atividade estava previsto para o mês de maio e não tão tardiamente. Isto deveu-se ao facto de as fichas de avaliação terem sido marcadas para a mesma altura em que a atividade já estava calendarizada e ainda pelo projeto das TIC em que a turma estava envolvida. Estávamos praticamente no final do ano letivo, dias quentes e os alunos já estavam saturados de aulas e, portanto, a sua execução não foi de todo fácil. Pesou aqui, favoravelmente, o tema da atividade e o jogo realizado antes da produção escrita.

Quando expliquei à turma como se iria desenvolver a atividade, algumas questões se levantaram: “Mas temos de escrever um poema novo com esses animais?” ou “Professora, eu não sei desenhar um pássaro”. A imagem do caligrama levantou algumas inseguranças nos alunos, pois nem todos desenhavam bem e, por isso, preferiam pintar a desenhar. Decidi de novo analisar com o grupo, de forma cuidada, cada uma das quadras do poema, tendo em conta o animal aí mencionado e a mensagem que a poeta pretendia transmitir. Para ajudar os alunos na construção da sua imagem, foram feitos alguns esboços, passo a passo, de animais no quadro de giz. Ou seja, a dificuldade apresentada pelos alunos não diz respeito à imagem que pretendem no seu caligrama, mas sim desenhá-la.

Ultrapassada a dificuldade na de- *Figura 10*

finição e construção da imagem visual do *Trabalho Elaborado pelo Aluno E*

caligrama, os alunos dedicaram-se a colorir e a desenhar outros elementos nos seus trabalhos.

O difícil foi escolher os seis caligramas para reconstruir o poema original, a turma estava bastante dividida pois todos os caligramas estavam muito bonitos, como é possível observar na figura 10, o caligrama do aluno E.



3.5.3. Avaliação

Transformar um poema num caligrama exige a análise cuidada de critérios que garantam que a forma visual esteja em conformidade com a mensagem poética. Esta atividade teve como foco o trabalho da imagem do caligrama. Cada um dos alunos teve de trabalhar uma das seis quadras do poema, tendo em atenção a mensagem que esta pretendia transmitir, o que exigiu do grupo uma verdadeira apropriação do poema. Tendo tudo isto em conta, ao critério da criatividade que tem sido continuamente avaliado, vieram juntar-se outros três critérios, como é possível observar na grelha de avaliação n.º 5 (apêndice 6): a Forma Visual, que diz respeito à qualidade da harmonia entre palavras e imagem; a Estética e Composição do poema, dando aqui ênfase ao uso das cores e de outros elementos gráficos; por fim, a Apresentação Geral, onde é avaliado o impacto do caligrama.

Na primeira quadra, dedicada ao gato de estimação, o aluno F destacou-se por usar a imagem da pata de um gato na construção do seu caligrama (anexo 26). Os outros dois alunos preferiram usar a imagem do corpo, um gato cor de laranja como o Garfield e o outro um simples gato preto. O impacto final do caligrama do aluno I revelou a necessidade de algumas melhorias.

No coelho de estimação, embora a imagem usada pelos quatro alunos tivesse sido praticamente idêntica, há alguns traços e elementos importantes que os diferenciam. Dois dos alunos optaram por usar a imagem completa do coelho, diferenciando-se pelo

uso das cores e de outros elementos. Um dos alunos decidiu construir o seu caligrama usando apenas o focinho do coelho. Por fim, a aluna P optou por usar a cor, o traço e as palavras para criar o poema visual do seu coelho de estimação (anexo 27).

Os caligramas sobre o canário fo-

Figura 11

ram, sem sombra de dúvida, os mais colo-

Trabalho Elaborado pelo Aluno Q

ridos desta atividade não só no preenchimento da forma, como no uso de cores nas palavras e nos elementos que envolvem o caligrama. O caligrama do aluno U destaca-se, aqui, pelo uso alternado entre o traço e as palavras para dar forma à imagem do canário (anexo 28). Num dos desenhos surge a preocupação de colocar alguns elementos, como árvores, que refletem o carinho e cuidado do aluno neste animal de estimação, como podemos observar na figura 11.



A criatividade esteve também bem presente nos caligramas do peixe. Os alunos G e J decidiram adicionar aos seus caligramas outros desenhos, enriquecendo a sua expressão artística e ajudando na transmissão da mensagem poética. Existe harmonia entre o texto poético e a imagem visual. O uso de cores é predominante nestes caligramas criando um bom impacto estético. Os alunos H e T optaram por uma apresentação mais simples dos seus caligramas (anexo 29). O caligrama do aluno H apresenta um bom uso da cor, criando um bom impacto estético e geral no caligrama. Já o aluno H optou pelo uso de cor nas palavras do texto não acrescentando mais elementos estéticos ao seu caligrama.

Na quadra que fala sobre o cão, três dos quatro alunos decidiram construir o seu caligrama usando a imagem do focinho de um cão, ao passo que um outro aluno escolheu usar no seu caligrama a pata (anexo 30). Em todos os caligramas prevalece a cor e alguns elementos da natureza que criam um ambiente harmonioso e acolhedor que envolve cada um dos caligramas.

Na última quadra do poema original, o caligrama do aluno S foi o que se destacou pela disposição dos versos, formando a palavra “NÃO” (anexo 31).

Toda a turma seguiu as orientações que lhes foram dadas à exceção da aluna “O” que, uma vez mais, se recusou a seguir os moldes em que esta atividade foi realizada. Contudo, como o principal objetivo deste estudo é desenvolver competências de escrita, e uma vez que a recusa desta aluna é apenas a de seguir as instruções que lhe são dadas e não o ato de escrever, decidi deixá-la escrever o seu texto e ilustrá-lo. Já no que diz respeito ao aluno V, o facto de o poema exposto no quadro de giz estar ilustrado gerou alguma confusão no seu trabalho final. O aluno escreveu a quadra numa folha branca e realizou uma nova ilustração mesmo depois de ter sido corrigido por isso.

Considerações finais

O objetivo delineado para o presente estudo foi o de promover o caligrama como uma estratégia motivadora que implicasse os alunos no ato da escrita, enquanto desenvolviam o gosto pela mesma. Para tal, foram desenvolvidas cinco atividades com objetivos muito específicos, tendo por intento o envolvimento dos alunos numa partilha constante de ideias e aprendizagens, tornando cada uma das novas aprendizagens mais significativa. Todos os trabalhos de escrita realizados foram valorizados mesmo quando não obedeciam às instruções dadas, pois tornaram-se momentos oportunos para o desenvolvimento desta competência, bem como de respeito pela liberdade de escrita e criatividade de cada criança.

Através da análise dos caligramas produzidos pelos alunos é possível observar um crescente aumento da criatividade, quer ao nível do texto ou das palavras usadas na construção do caligrama, quer dos materiais empregados na edificação da imagem do mesmo, denotando-se até, em alguns alunos, uma forte necessidade de expressão criativa através do permanente uso de cores e de elementos pessoais nos seus trabalhos.

A produção escrita envolve pelo menos três etapas: a planificação, a textualização e a revisão. A planificação do caligrama permitiu às crianças aprenderem a pensar, a selecionar e a organizar as suas ideias. Nem sempre se revelou fácil para as crianças colocar no papel aquilo que pensavam ou sentiam, mas a planificação provou ser um meio importante para os alunos aprenderem a estruturar convenientemente o seu pensamento e o que vão escrever para depois redigirem com coesão e clareza os seus caligramas. Como nos explica Carvalho (1999), “a planificação consiste na construção da representação interna do saber; a redação é a transformação das ideias em linguagem visível; a revisão, a análise do texto produzido e a sua eventual transformação” (p.56). A fase de revisão, neste trabalho caracterizada pela análise crítica das crianças ao esboço do seu caligrama, permitiu a cada aluno avaliar e reformular o que foi escrito, contribuindo para o desenvolvimento do seu pensamento crítico. Na construção dos caligramas foi fundamental que as crianças soubessem em primeiro lugar pensar, para depois selecionar e organizar as suas ideias e, por fim, construírem o seu caligrama com a conexão entre tema e imagem que lhe é necessária.

Um outro fator que se revelou bastante pertinente ao longo de todo o estudo foi a contextualização de cada uma das atividades. Partindo do tema de cada atividade, desenvolveram-se importantes momentos de debate e reflexão que envolveram toda a turma. Estes debates coletivos, sempre orientados pela professora, permitiram a ativação de ideias, sobretudo nos alunos com maior dificuldade na produção de textos, que muitas vezes se sentiam perdidos e confusos nos seus próprios pensamentos e ideias, não sabendo como nem por onde começar. Neste sentido, a escrita colaborativa mostrou ser vantajosa, pois todos os discentes cooperaram na discussão de ideias, dando opiniões e sugestões na melhoria da elaboração de um caligrama. Toda a turma refletiu sobre questões de linguagem, sobre se as frases faziam ou não sentido, no uso de determinado vocabulário, na imagem a ser usada e na disposição das palavras no espaço. De acordo com Colomer et al. (2006, citado por Dias, 2016) “uma atividade de escrita, em grupo, proporciona as vantagens do trabalho cooperativo, tanto para todo o grupo quanto para pequenos subgrupos de trabalho” (p. 77).

O ambiente vivido em sala de aula foi também um fator positivo na promoção da motivação para a produção escrita. Ao longo do desenvolvimento de cada atividade existiu sempre a preocupação em promover a autoconfiança dos alunos, assegurando sempre um feedback positivo, encorajando os discentes a escrever sem o medo de errar. O medo de errar leva a que muitas das vezes os alunos sintam ansiedade, provocando bloqueios na escrita. É, portanto, de suma importância que os alunos aprendam que errar é algo natural, que faz parte do processo de aprendizagem. É fundamental ajudar os alunos a lidar com o próprio erro, para ser possível contrariar os efeitos negativos da ansiedade que o ato da escrita instiga.

É importante referir o quanto este estudo contribuiu para o meu crescimento como profissional de ensino. Esta foi uma investigação caracterizada pela intervenção e reflexão. Cada uma das atividades foi desenvolvida tendo em consideração as características da turma e as dificuldades encontradas na atividade anterior. As estratégias de atuação foram sempre refletidas e repensadas com o propósito de tornar cada nova aprendizagem mais significativa, tendo em atenção as melhorias necessárias numa nova intervenção. Citando Perrenoud (2002), que sustenta esta prática reflexiva como parte integrante do ofício de ser professor, a “autonomia e a responsabilidade de um profissional

dependem de uma grande capacidade de *refletir* em e sobre a sua ação. Esta capacidade está no âmago do desenvolvimento permanente, em função da experiência de competências e dos saberes profissionais” (p.13).

Em suma: a forma como a escrita é abordada dentro da sala de aula pode impactar significativamente a perceção que os alunos têm sobre esta prática. É de súmula importância criar estratégias contextualizadas e significativas que promovam a criatividade dos alunos, que não transformem a escrita num processo mecanizado onde não há espaço para a expressão criativa. O caligrama provou ser uma poderosa ferramenta na motivação para a escrita, pela liberdade que dá a cada criança de interpretar o tema de uma maneira muito própria, elevando o seu envolvimento pessoal e consequentemente aumentando a sua motivação pela escrita. O caligrama permite cortar com o texto tradicional, dando asas às ideias, à criatividade de cada um, permite brincar com as palavras ao mesmo tempo que, com a disposição destas se constrói uma mensagem.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, A. R. C. (2021). *Rita poesia: Um recurso educativo digital para a exploração da poesia visual no 1.º ciclo do ensino básico* [Dissertação de mestrado não publicada]. Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação. <http://hdl.handle.net/10400.21/14435>
- Bacelar, J. (2001). Poesia visual. In *PO: Ex net*. <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/jorge-bacelar-poesia-visual/~>
- Bach (2001). *O prazer na escrita*. Edições Asa.
- Barbeiro, L. (2001). Profundidade do processo e escrita. *Educação e Comunicação*, 5, 64-76.
- Barbeiro, L., & Pereira, L. (2007). *Ensino da escrita: A dimensão textual*. Ministério da Educação – Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Bisquerra, R. A. (1989). *Métodos de investigación educativa: Guía práctica*. CEAC.
- Bocheco, E. (2002). *Poesia infantil: O abraço mágico*. Argos. Editora Universitária.
- Brás, D. O. (2012). Produção de textos no 1.º CEB – A exposição escrita [Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Aveiro]. <https://www.proquest.com/opview/900ffa2b386c13e0ced0f090c7415e77/1?cbl=2026366&diss=y&pq-origsite=gscholar>
- Calkins, L. M. (1989). *A arte de ensinar a escrever: O desenvolvimento do discurso escrito*. Artes Médicas.
- Campino, S. L. (2011). O experimentalismo na obra de Alexandre O'Neill [Tese de mestrado, Universidade NOVA de Lisboa]. Repositório UN. <http://hdl.handle.net/10362/7096>
- Carvalho, J. A. B. S. (1999). *O ensino da escrita: Da teoria às práticas pedagógicas*. Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia.
- Chiavenato, I. (1999). *Recursos humanos: Edição compacta* (5.ª ed). Atlas.

- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), 355-379.
- Custódio, P. B. (2021). Poesia-arte, intervenção e ludicidade – Uma proposta didática para o final do 1.º ciclo do ensino básico. In *Em emoções, artes e intervenção – Perspectivas multidisciplinares* (pp. 63-76). Almedina.
- Dahlet, V. (2008). Há algo de infantil no caligrama, e disso não escapam os caligramas do poeta francês Guillaume Apollinaire. [Prefácio]. In *Caligramas*. Editora UnB.
- de Campos, J. L., & de Freitas, R. (2009). Caligrama e formulação gráfica: Uma rápida digressão sobre o design a partir de Foucault, Magritte e Apollinaire.
- de Freitas, S. B. D. (2021). *Ler imagens, ver palavras: Correspondências entre Jorge Luis Borges e Hilal Sami Hilal*. Editora Appris.
- de Mira Ramalho, F. C. C. (2010). Poesia concreta/poesia experimental: Percursos, labirintos e reinvenções [Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Évora]. <https://www.proquest.com/open-view/6107629b38135080e068c18a1b80e75b/1?cbl=2026366&diss=y&pq-orig-site=gscholar>
- Dias, J. C. (2016). A emancipação do imaginário: As potencialidades do texto poético no ensino básico [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho]. Repositório da UM. <https://hdl.handle.net/1822/45206>
- Faleiros, Á. (2012). *Traduzir o poema* (Vol. 42). Ateliê Editorial.
- Fonseca, M. D. G. C. P. (2005). Interagir e planificar: A construção de guiões na promoção da competência textual [Dissertação de mestrado não publicada, Instituto Superior de Psicologia Aplicada]. <https://www.proquest.com/open-view/ee043d8a212a5382d0ca9805ef8f5237/1?cbl=2026366&diss=y&pq-orig-site=gscholar>

- Gallego, A., & Martín, A. (2002). La composición escrita: Proceso de enseñanza. *Revista de Educación*, 329, 421-442.
- Guimarães, S., & Lourenço, M. (2007). Palavras cruzadas - Entrevista: Gabriela Marcondes, por Rodrigo de Souza Leão. *Germina - Revista de Literatura & Arte*.
http://www.germinaliteratura.com.br/pcruzadas_gabrielamarcondes_mar2007.htm
- Latorre, A. (2003). *La investigación-acción*. Graó.
- Lewin, K. (1946). Action research and minority problems. *Journal of Social Issues*, 2, 37-38. http://www.fionawangstudio.com/ddcontent/Web/action_research/readings/Lewin_1946_action%20research%20and%20minority%20problems.pdf
- MacNaughton, G., & Hughes, P. (2009). *Doing action research in early childhood studies: A step-by-step guide*. MacGraw-Hill.
- Maximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-ação*. Porto Editora.
- Mesquita-Pires, C. (2010). A investigação-ação como suporte ao desenvolvimento profissional docente. *EDUSER: Revista de Educação*, 2(2), 66-83.
- Miranda, A. (n.d.). Símias de Rodes. António Miranda. Recuperado em 24 de maio de 2025, de http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_visual/simias_de_rodes.html
- Monteiro, M. R. (2023). Escrita criativa: Perspetivas didáticas no ensino da escrita no 1.º e 2.º ciclo do ensino básico [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho]. Repositório UM. <https://hdl.handle.net/1822/92162>
- Moreira, M. A. (2011). Aprendizagem significativa: Um conceito subjacente. *Aprendizagem Significativa em Revista*, 1(3), 25-46. <https://www.if.ufrgs.br/~moreira/apsigsubport.pdf>
- Nicolau, R., & Carvalho, J. A. B. (2021). Por uma pedagogia da escrita: Uma visão integradora na educação básica. <https://hdl.handle.net/1822/83625>

- Niza, I. (2000). O trabalho oficial da escrita. *Escola Moderna*, 5(9), 31-38. https://centro-recursos.movimentoescolamoderna.pt/dt/1_2_4_trab_curric_com-part_turma/124_a_03_trab_oficial_escr_ivniza.pdf
- Niza, I., Segura, J., & Mata, I. (2011). *Escrita – Guião de implementação do programa de português do ensino básico*. Ministério da Educação – Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Pajares, F. (2003). Self-efficacy beliefs, motivation, and achievement in writing: A review of literature. *Reading and Writing Quarterly*, 19 (2), 139-158. <https://doi.org/10.1080/10573560308222>
- Paquete, M. S. M. (2023). A motricidade, o desenvolvimento e as aprendizagens na criança. O espelho das abordagens interdisciplinares na EPE e 1.º CEB [Dissertação de mestrado, Universidade dos Açores]. Repositório da UAC <http://hdl.handle.net/10400.3/6758>
- Pellizari, A., et al. (2001-2002). Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. *Revista PEC*, 2(1), 37-42.
- Perrenoud, P. (2002). *A prática reflexiva no ofício de professor: Profissionalização e razão pedagógicas*. Artmed Editora.
- Pereira, L. Á., & Azevedo, F. (2005). *Como abordar...A escrita no 1º ciclo do ensino básico*. Areal Editores.
- Po-ex.net. (n.d.). Géneros. Recuperado em 24 de maio de 2025, de <https://po-ex.net/estrutura/generos/>
- Raffini, J.P. (1996). *150 ways to increase intrinsic motivation in the classroom*. Allyn & Bacon.
- Reis, P. (1998). *Poesia concreta: Uma prática intersemiótica*. Universidade Fernando Pessoa.
- Reis, R. (2011). *A poesia visual em Portugal (1915-1977): Territórios de expressão* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto].

[https://www.academia.edu/35609854/A Poesia Visual em Portugal 1915 1977 territ%C3%B3rios de express%C3%A3o](https://www.academia.edu/35609854/A_Poesia_Visual_em_Portugal_1915_1977_territ%C3%B3rios_de_express%C3%A3o)

Santos, M. F., & Serra, E. (2007). *Quero ser escritor*. Oficina do Livro.

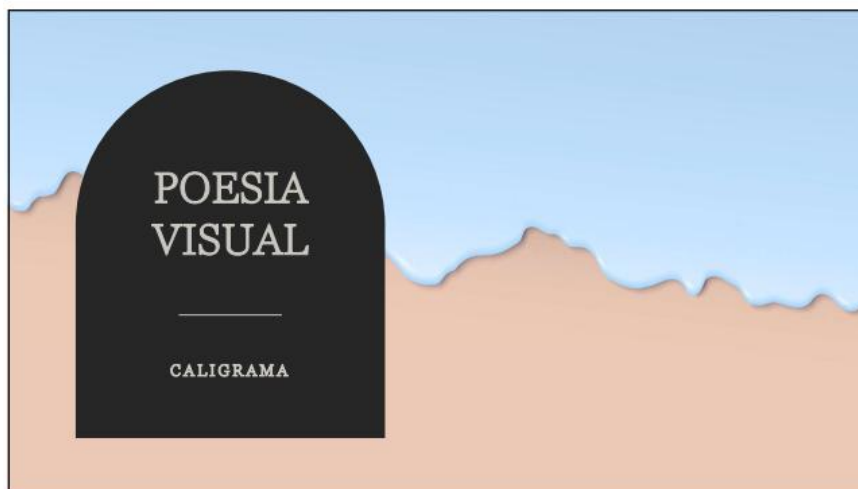
Serrão, E. V. (2022). Caligrafias da fragilidade [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa]. Repositório Ulisboa <http://hdl.handle.net/10451/57306%22>

Silva, C. M. F. (2014). As atividades experimentais como promotoras da motivação no 1º ciclo do ensino básico [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho]. Repositório UM <https://hdl.handle.net/1822/35805>

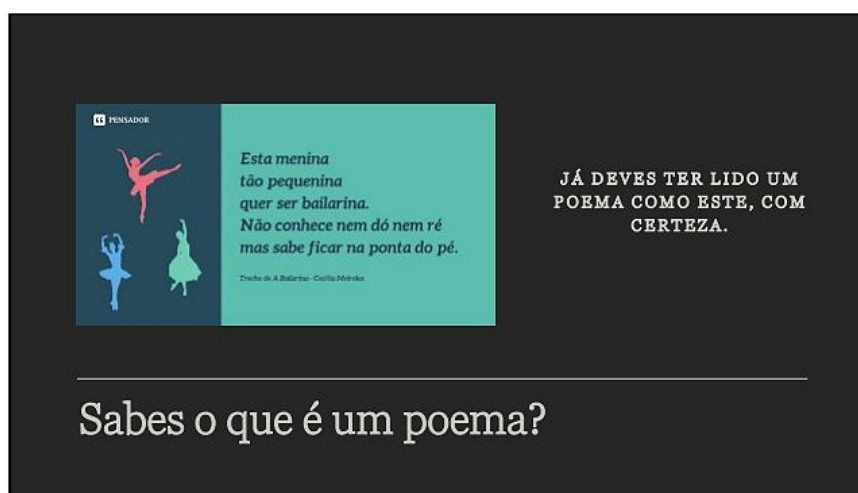
Tavares, A. (1979). *A motivação na escola ativa*. Didáctica Editora.

ANEXOS

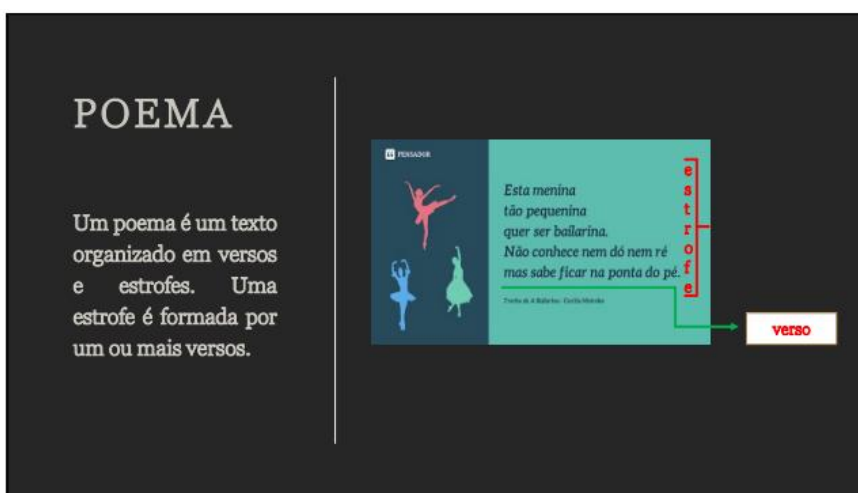
Anexo 1 – PowerPoint “Poesia Visual”



1



2



3

Mas há outras formas de criar poesia, sabias?



4



Poesia visual, conheces?

5

Para conseguir
será
mas, se a
terá todo o
afinal, não
me chamam de «gato»

minha atenção
difícil
conquistar
meu charme
é à toa que

*Julio Mario
Espingarda*

Observa o poema ao lado.

QUAL É A PRIMEIRA
IMAGEM QUE TE VEM À
CABEÇA QUANDO VÊS ESTE
POEMA?
UM GATO, NÃO É?

6

POESIA VISUAL

As palavras dispõem-se de tal forma que formam os olhos, as orelhas e até os bigodes do gato.

Neste poema, as palavras organizam-se para representar uma imagem associada ao sentido do poema.

7

Observa estes dois exemplos:

8

Do que falará o poema?

- Ao olhares para os dois poemas a imagem que te chamará a atenção será a de uma mão. Desta forma, será fácil para ti entender, que o poema falará da mão.
- A este tipo de poema, que alia a imagem à escrita, dá-se o nome de **CALIGRAMA**.

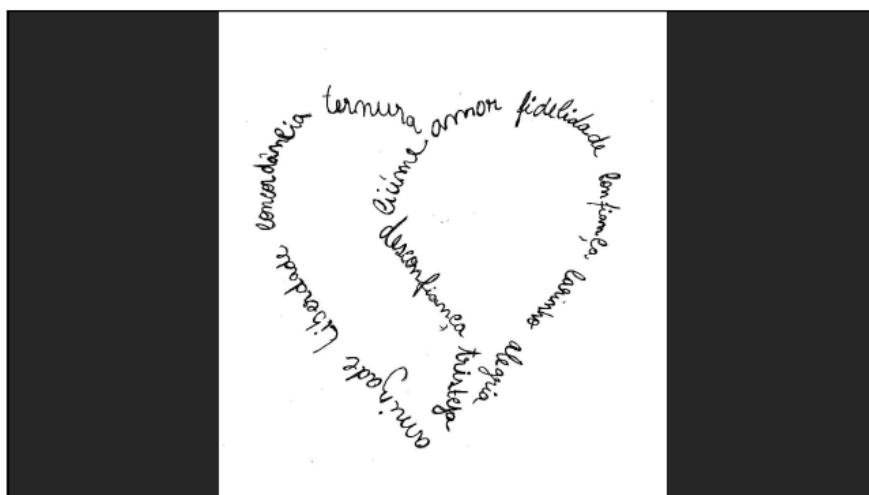
9



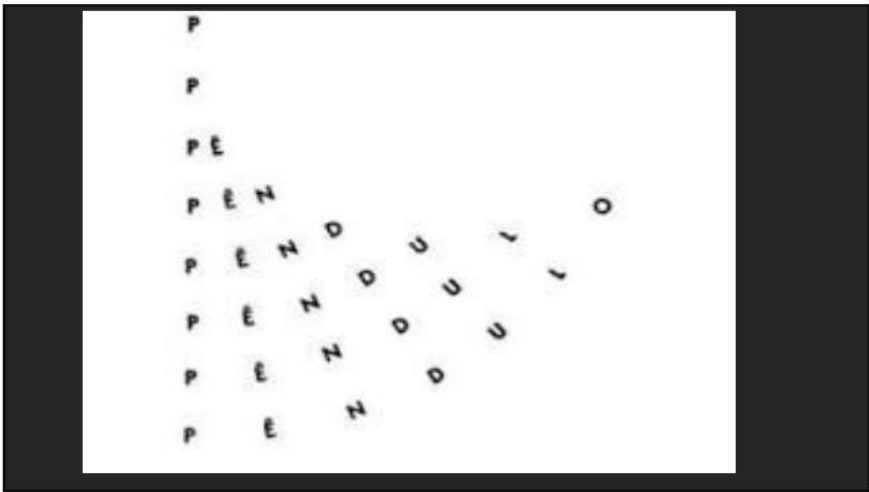
10



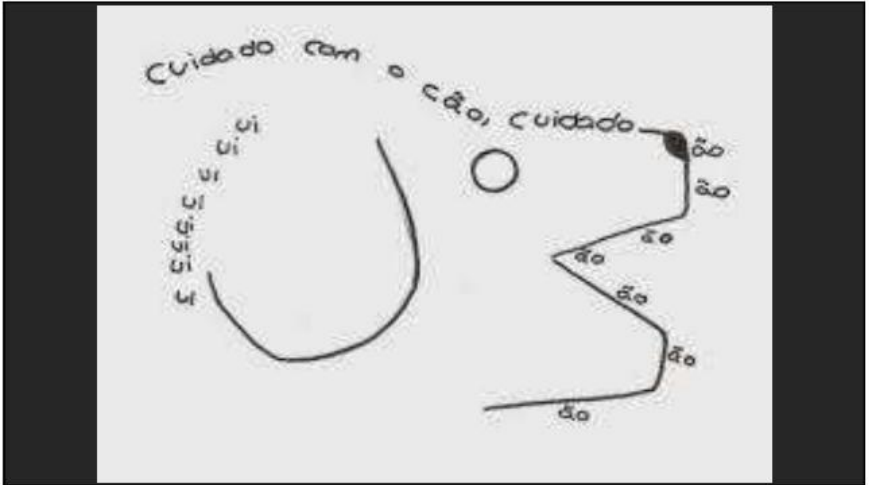
11



12



13



14



15

Anexo 2 – Ficha de trabalho “A carta do Sapo apaixonado”

Nome: _____ Data: ____/____/____

A carta do Sapo apaixonado



O Sapo está apaixonado! O seu coração faz sempre tum-tum, bem forte, cada vez que pensa na sua Pata. Ele gosta de fazer a sua amada feliz. Por isso, decidiu surpreendê-la e escrever-lhe uma carta.

Mas precisa da tua ajuda. Ajudas o Sapo a escrever uma carta bem bonita para a Pata?

(Não te esqueças de que o Sapo gosta de fazer coisas diferentes).

Escreve nas próximas linhas aquilo que o Sapo dirá na carta para a sua amada.

Anexo 3 – Caligrama elaborado pelo aluno Q



Anexo 4 – Caligrama elaborado pelo aluno L



Anexo 5 – Caligrama elaborado pela aluna M



Anexo 6 - PowerPoint “Lenço dos Namorados”





Lenço dos Namorados

Os lenços, representam o sentimento da rapariga em relação ao rapaz, no qual ela escreve pequenos versos de amor, ou símbolos.





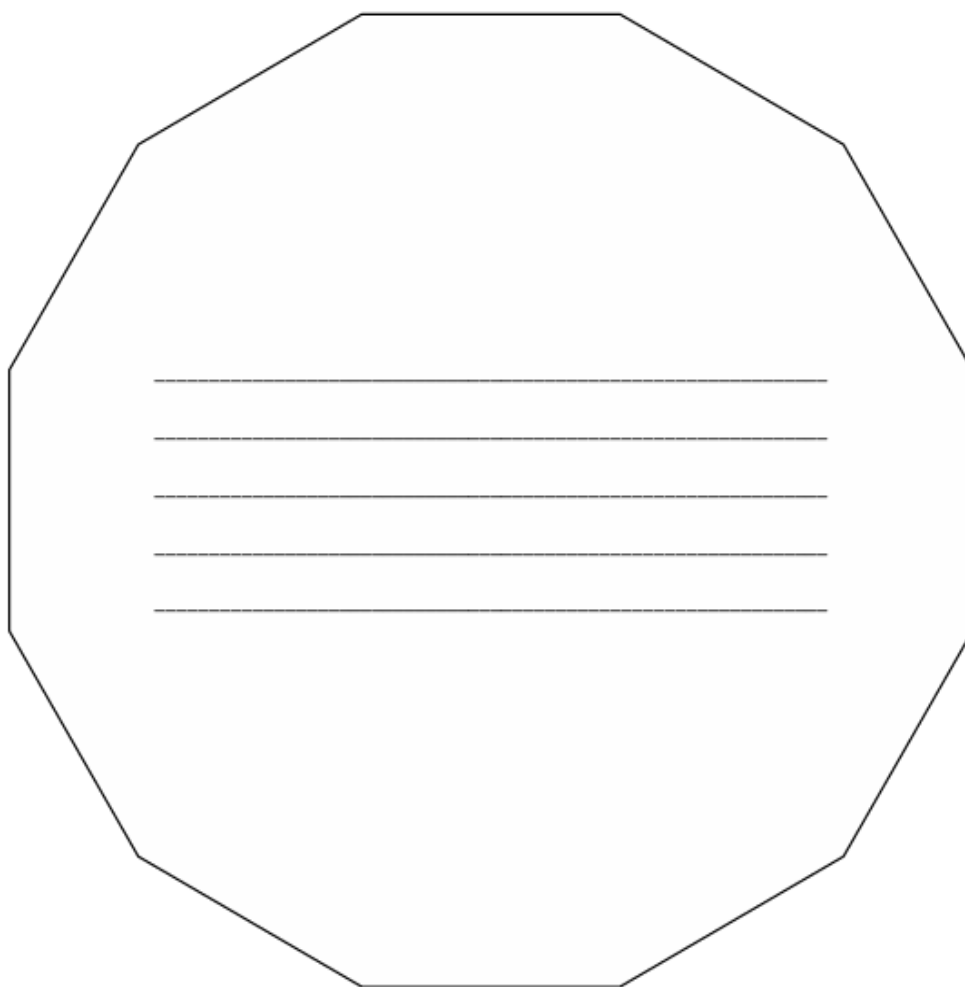


Anexo 7 – Ficha de trabalho “Lenço dos Afetos”

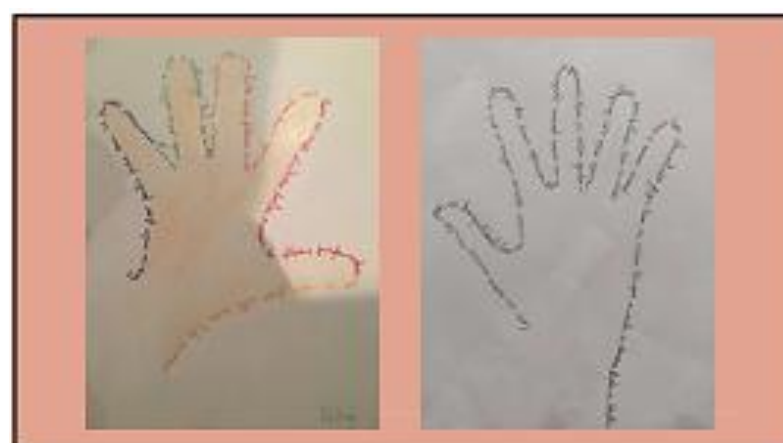
DESAFIO

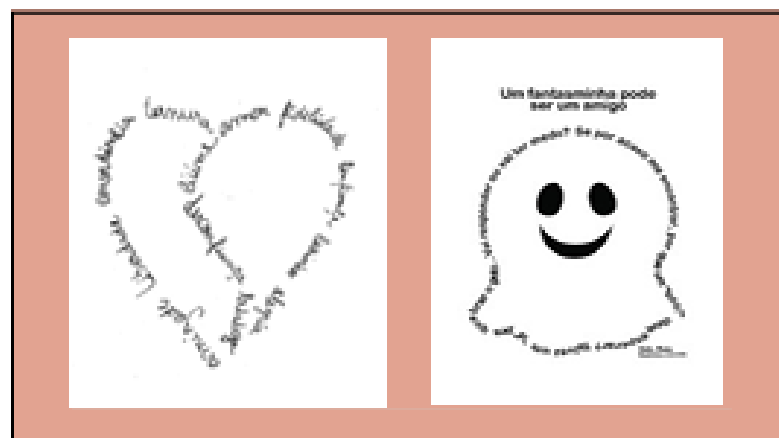
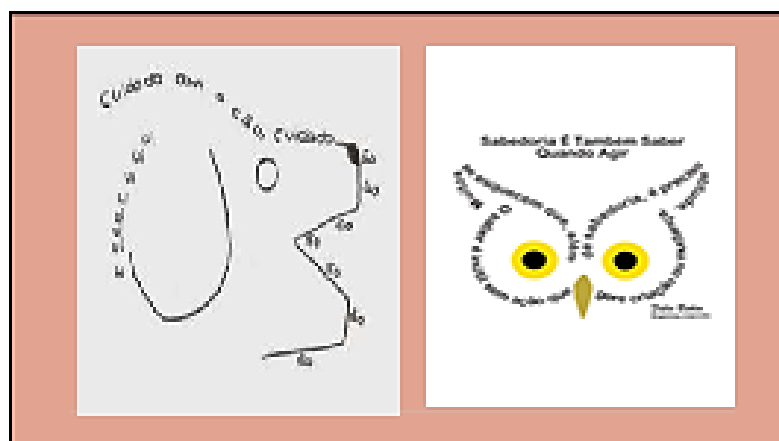
Para celebrar o “Dia dos Afetos” vais tu também construir o teu lenço dos afetos. Para além de o decorares a teu gosto, deverás escrever um pequeno poema criativo: um caligrama. Nas próximas linhas, escreve o poema que irás escrever no teu lenço.

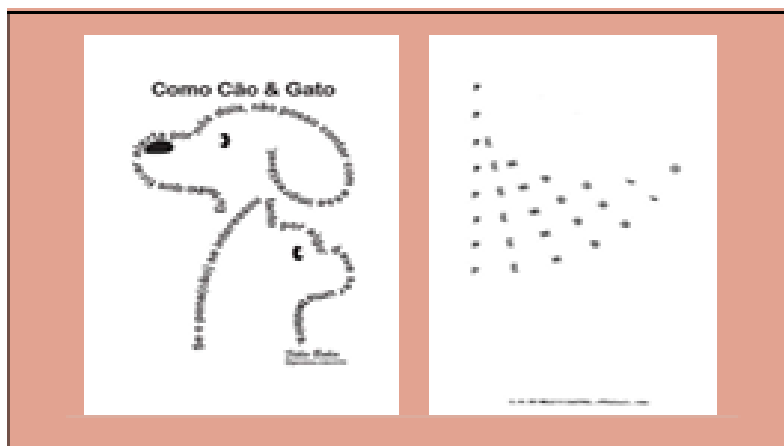
Diverte-te.



Anexo 8 – PowerPoint “Caligramas infantis”







Anexo 9 – Caligrama elaborado pelo aluno G



Anexo 10 – Caligrama elaborado pelo aluno I



Anexo 11 – Caligrama elaborado pela aluna M



Anexo 12 – Caligrama elaborado pela aluna R



Anexo 13 – Ficha de trabalho “Leilão de Jardim”

Escola Básica de Casconha

Ficha de trabalho de Português – 2.º ano

Nome: _____ Data: ____/____/____

Leilão de Jardim
Cecília Meireles



**Quem me compra um jardim com flores?
Borboletas de muitas cores,
lavadeiras e passarinhos,
ovos verdes e azuis nos ninhos?
Quem me compra este caracol?
Um lagarto entre o muro e a hera,
Uma estátua de primavera?
Quem me compra este formigueiro?
E este sapo, que é jardineiro?
E a cigarra e a sua canção?
E o grilinho dentro do chão?
(Este é o meu leilão.)**

Lê, com atenção, o texto e responde às seguintes questões.

1) Qual o título do texto?

2) Qual o assunto predominante no texto?

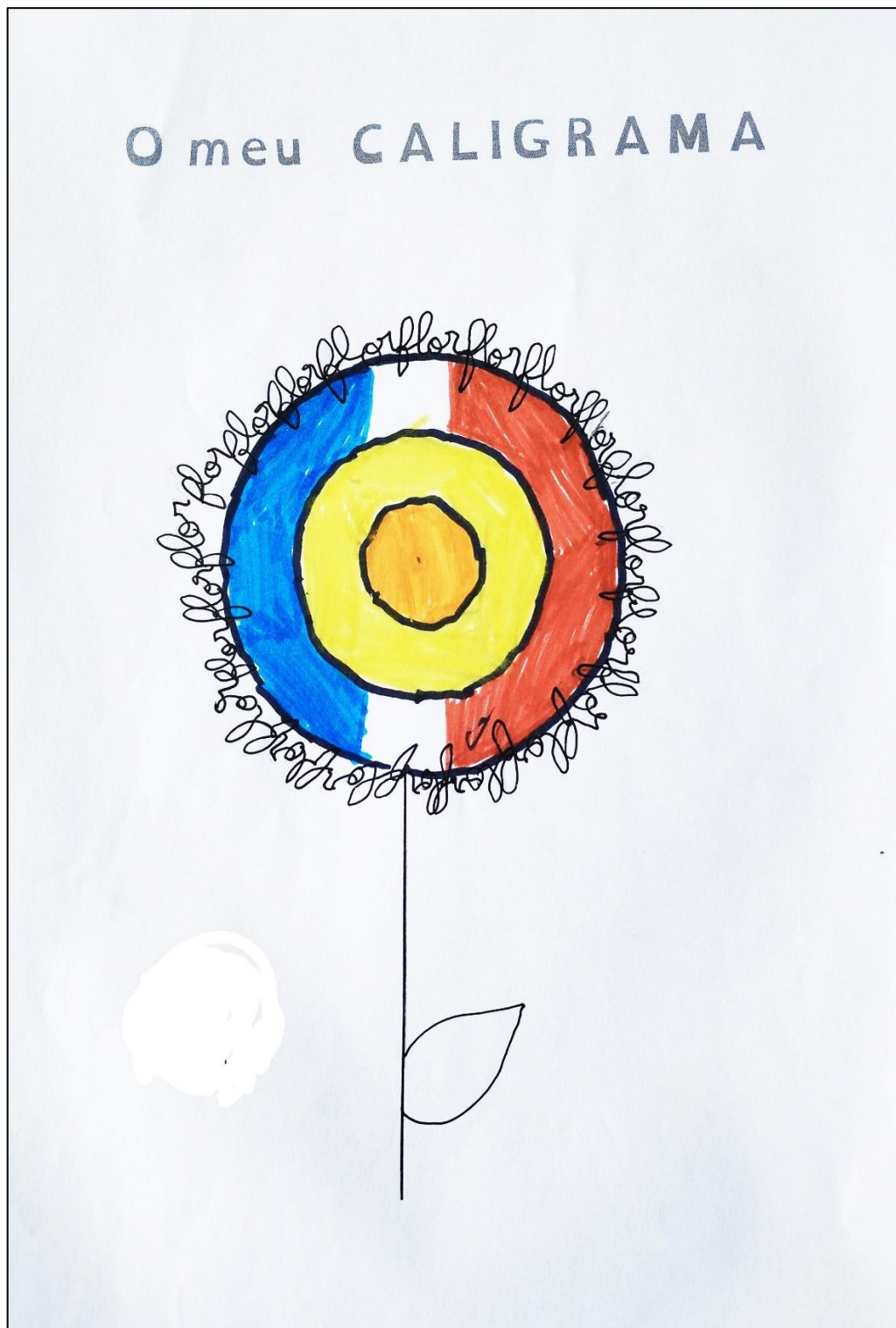
3) Qual o género textual apresentado?

4) Elabora, no teu caderno, uma lista de palavras que rimam no texto.

5) Sublinha no texto o nome dos animais que aparecem.



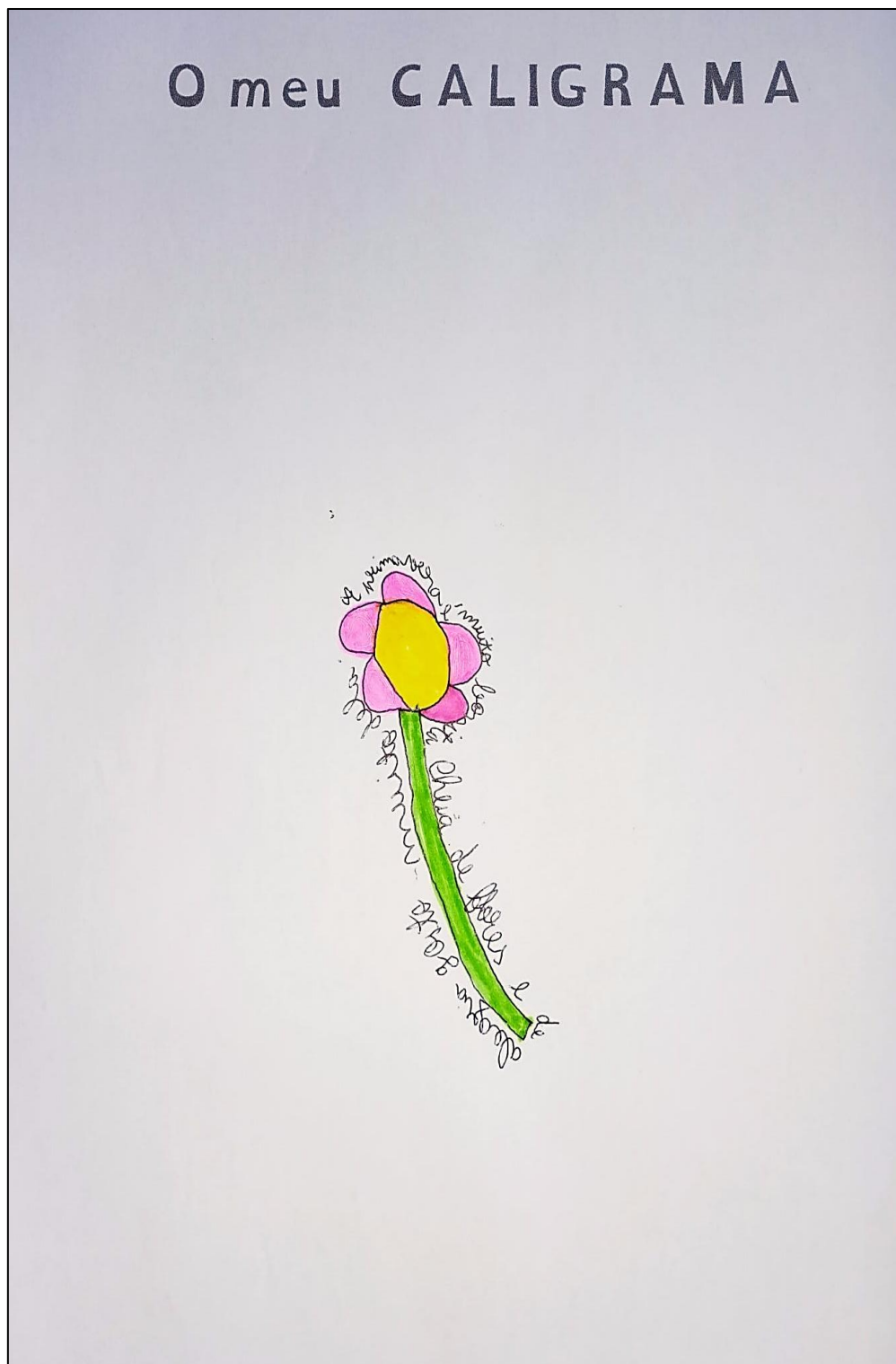
Anexo 14 – Caligrama elaborado pelo aluno A



Anexo 15 – Caligrama elaborado pelo aluno K



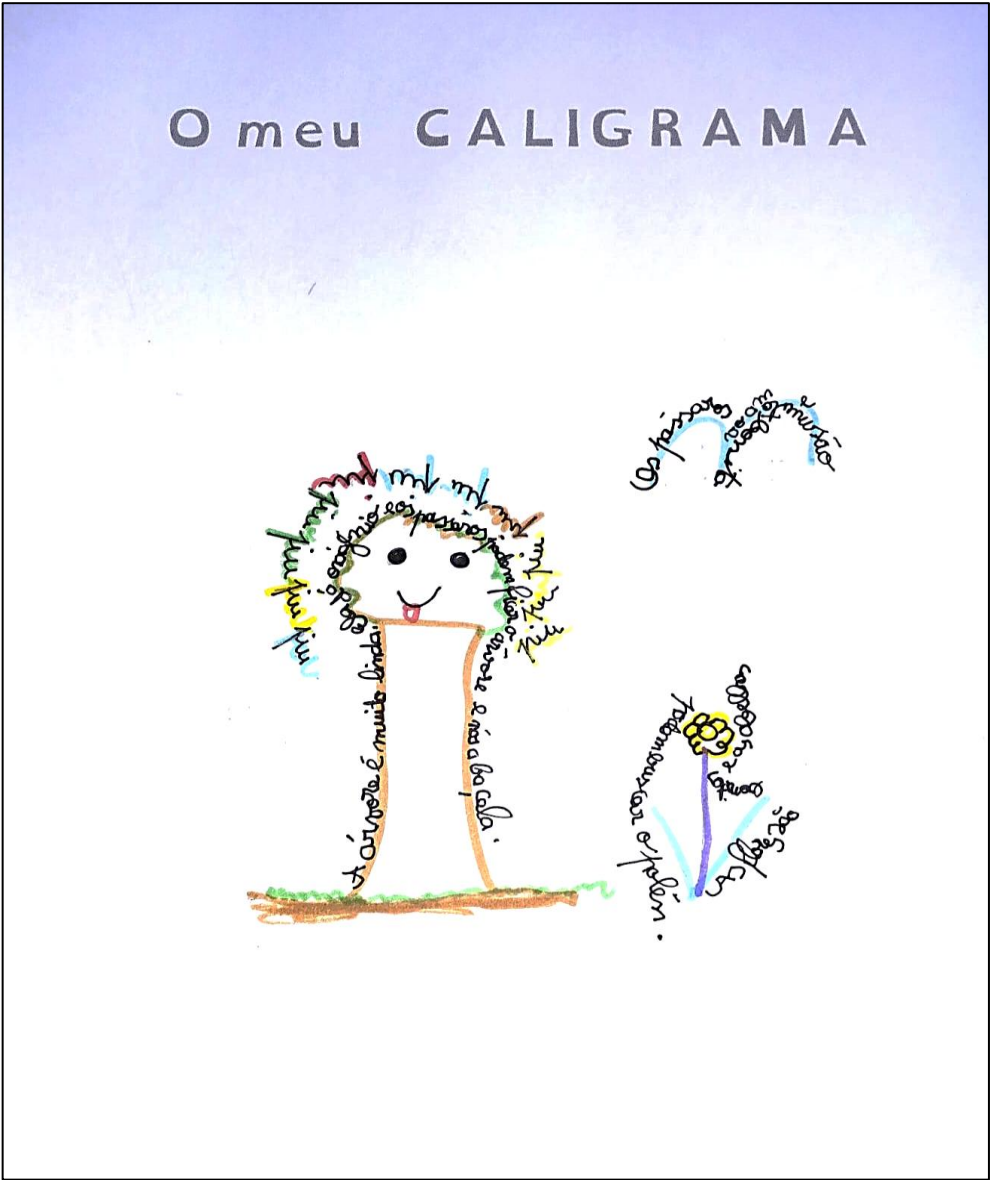
Anexo 16 – Caligrama elaborado pela aluna P



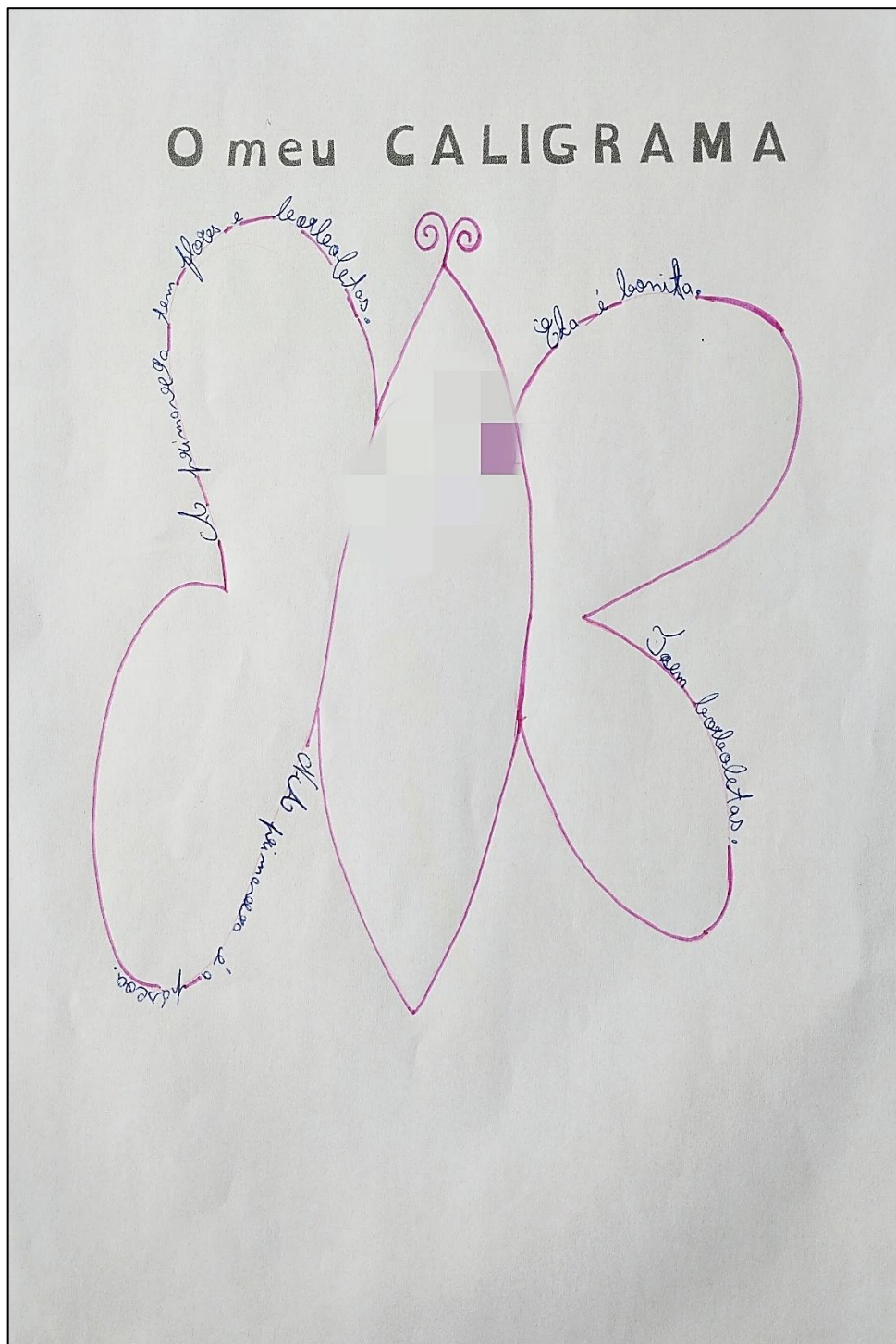
Anexo 17 – Caligrama elaborado pela aluna N



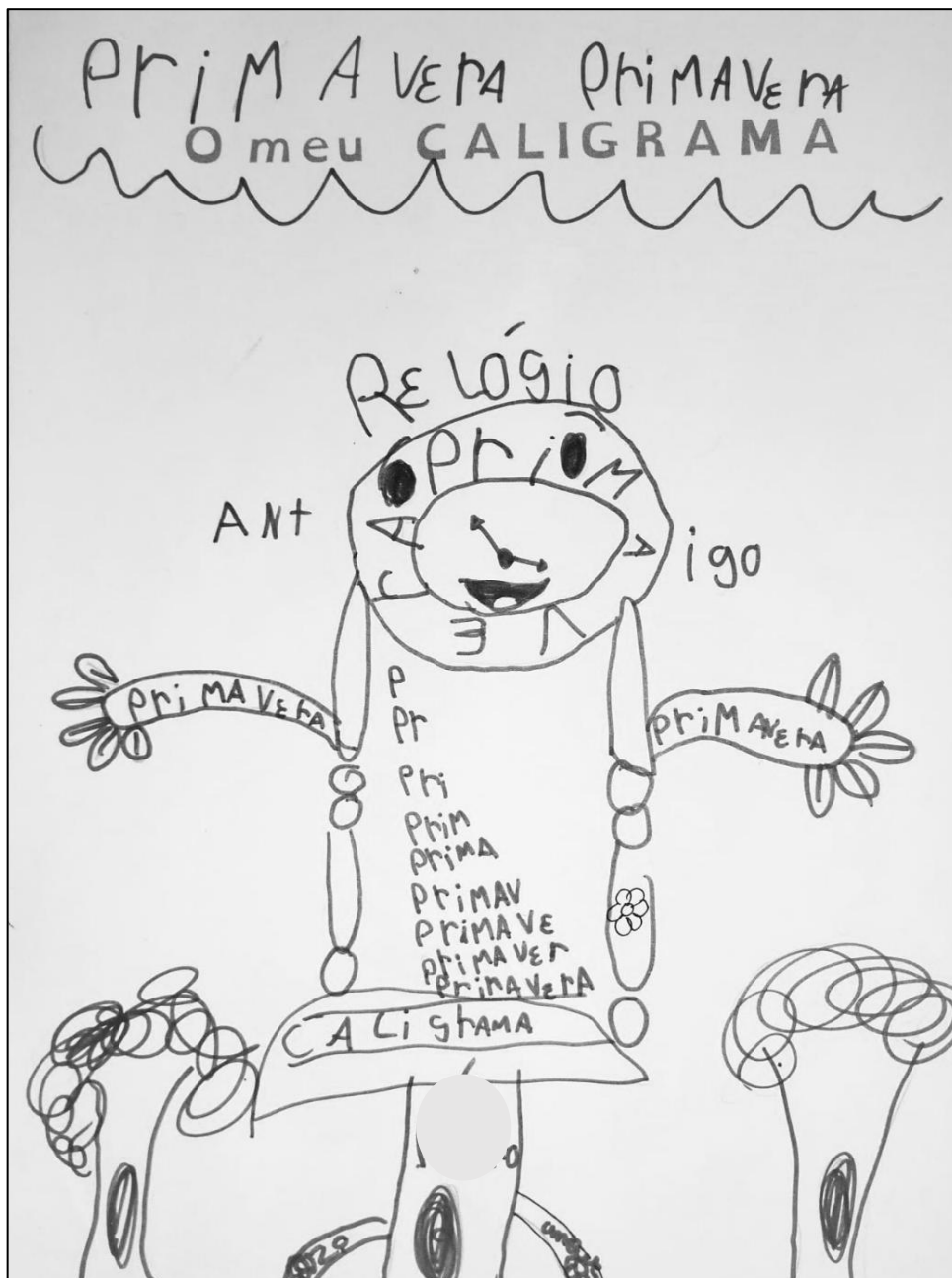
Anexo 18 – Caligrama elaborado pelo aluno G



Anexo 19 – Caligrama elaborado pela aluna R



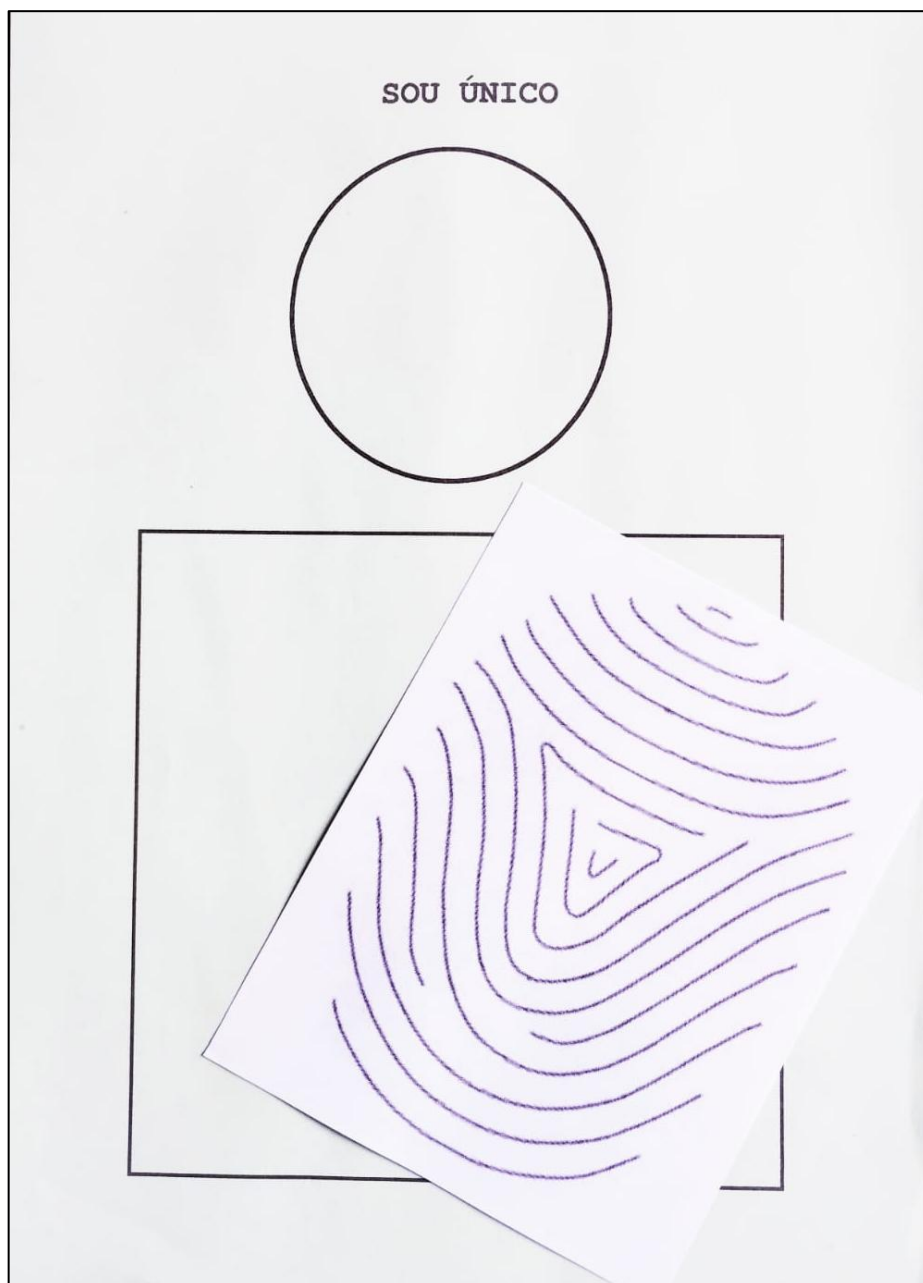
Anexo 20 – Caligrama elaborado pelo aluno L



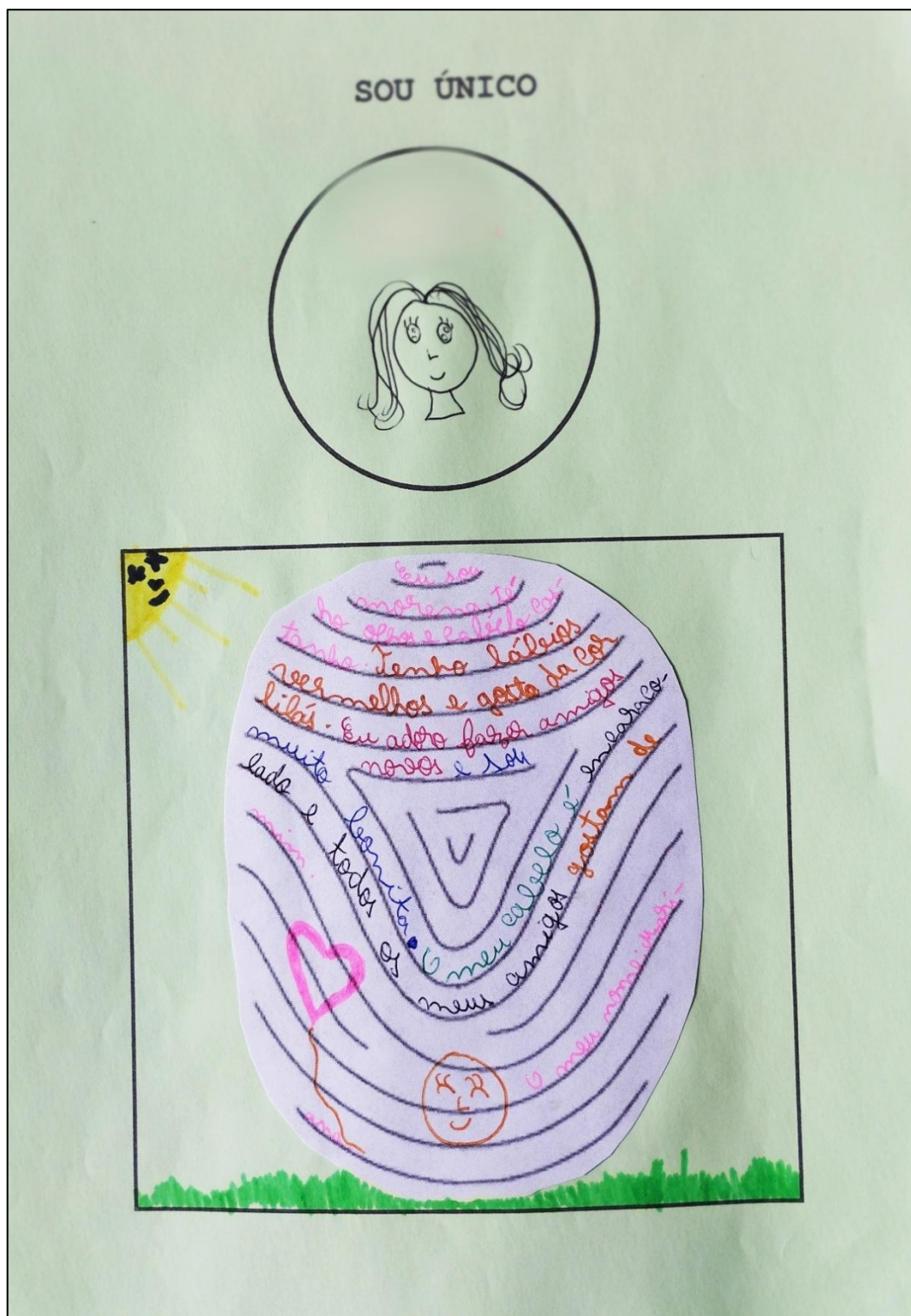
Anexo 21 – Ficha de trabalho “O Grilo Verde”

Escola Básica de Casconha Ficha de trabalho de Português – 2º ano Nome: _____ Data: ____/____/____	
1. Lê o texto com atenção. . Numa tarde de domingo deixaram as luras que tinham nos quintais, campos, bouças e matas. Entraram na horta do Tio Manuel Liró e perguntaram ao companheiro: - Por que não tens uma cor igual à nossa? Por que não cricrilas? Então o Grilo Verde respondeu-lhes: - Se nasci verde, não posso ser preto. E se assobio é porque não sei fazer outra coisa. E vós – perguntou – por que não sois verdes e não sabeis assobiar como eu? - Porque sempre fomos pretos e só sabemos cricrilar. - Então – concluiu o Grilo Verde – estamos empatados: se eu sou verde, vós sois pretos; se assobio, vós cricrilais. Para quê tanta preocupação? - Não venhas com bazófia. Por acaso já pensaste na confusão que vais criar? - Confusão!? – espantou-se o Grilo Verde. – Eu?! ... - Já pensaste que, se por acaso os homens te vêem, vão logo dizer aos seus amigos que há grilos que não são pretos e grilos que assobiam. Já pensaste nisso? E por tua causa todos os grilos do Mundo ficam desacreditados! - Não vejo mal nisso... Mas disse-me – pediu o Grilo Verde – o que devo fazer? - Deves mudar de cor e nunca mais, mas nunca, nunca mais assobiar, entendido?	
António Mota, O Grilo Verde	

Anexo 22 – Folha de trabalho “Sou único” e impressão digital



Anexo 23 – Caligrama elaborado pela aluna P



Anexo 25 – Poema “Animais de estimação”, de Maria do Rosário Macedo

ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

Eu queria um gato,
que fosse mansinho,
brincava com um novelo
e dormia num cestinho.



Eu queria um coelho,
meigo e fofinho,
fazia-lhe festas,
no pelo branquinho.



Eu queria um canário,
de pena amarela,
comprava uma gaiola,
para o pôr na janela.



Eu queria um peixe,
no aquário a nadar,
passava o tempo,
a vê-lo rodar.



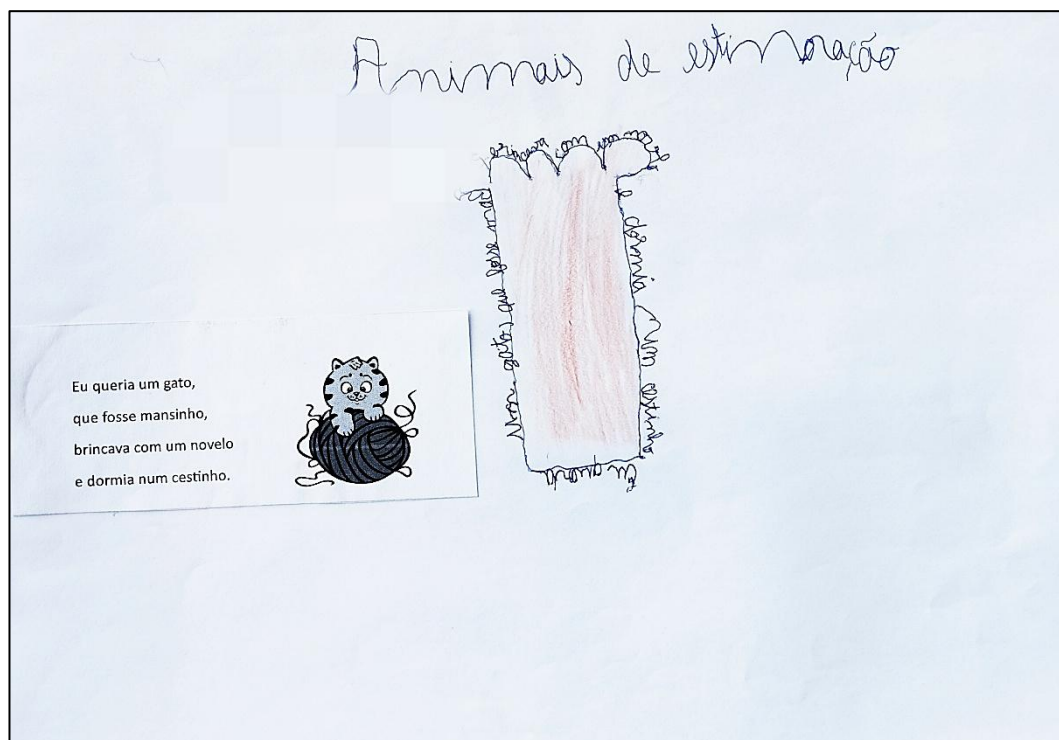
Eu queria um cão,
de cauda a abanar,
guardava a casa
e ia brincar.



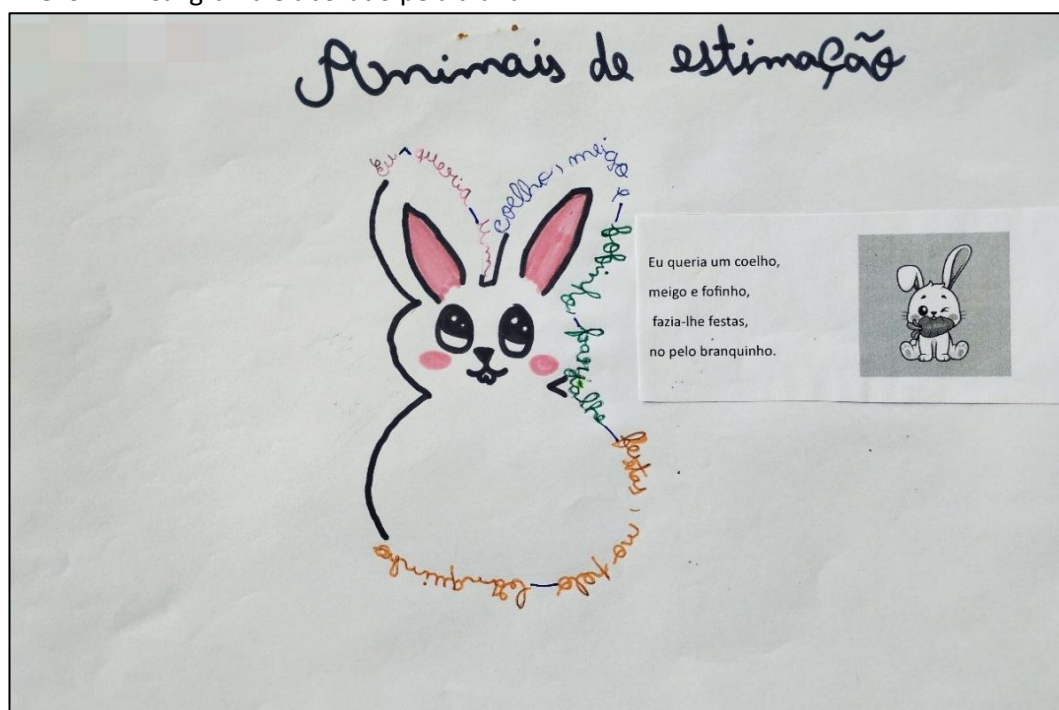
Eu queria mesmo,
era um animal de estimação,
mas a mãe continua,
a dizer-me que não ...



Anexo 26 - Caligrama elaborado pelo aluno F



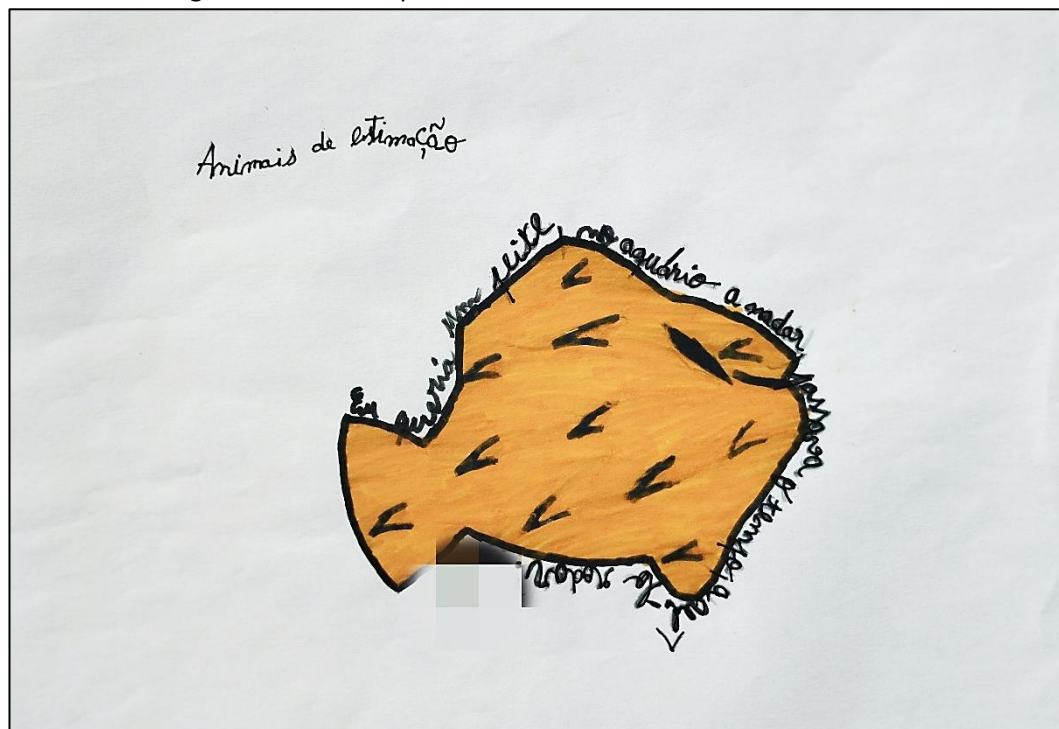
Anexo 27 – Caligrama elaborado pela aluna P



Anexo 28 – Caligrama elaborado pelo aluno U



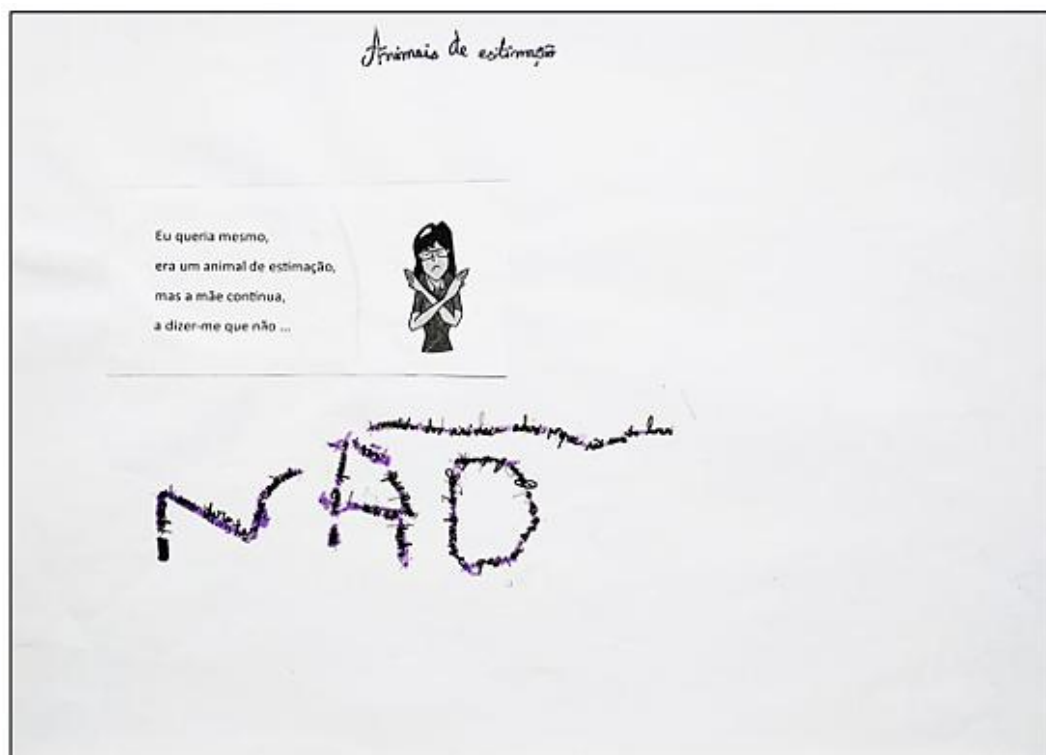
Anexo 29 – Caligrama elaborado pelo aluno H



Anexo 30 – Caligrama elaborado pelo aluno L



Anexo 31 – Caligrama elaborado pelo aluno S



APÊNDICES

Apêndice 1 – Plano de ação das atividades de escrita de caligramas

PLANO DE AÇÃO - Caligrama				
Atividade	Objetivos	Ações/Estratégias	Recursos	Avaliação
A carta do Sapo apaixonado 18. 01. 2024	- Apreensão do conceito caligrama; - Apresentação das características do caligrama; - Desenvolvimento da criatividade; - Aumento da motivação para a produção escrita.	1. Visualização de um PowerPoint sobre poesia visual: - Recordar o que é um poema; - Definição de caligrama; - Apresentação de alguns exemplos de caligramas. 2. Produção escrita: elaboração de um caligrama, a carta do Sapo apaixonado.	Computador; Projetor; Marcadores; Quadro; Giz; Envelopes; Folha branca.	Observação direta Registo em grelha de avaliação
O lenço dos afetos 14. 02. 2024	- Desenrolamento da expressão pessoal; - Desenvolvimento da criatividade; - Exposição dos trabalhos, tendo em vista o aumento da motivação para a produção escrita.	Apresentação, à turma, da atividade "Lenço dos Afetos" através de um PowerPoint: - Enquadramento cultural sobre o lenço dos namorados; - Visualização de alguns lenços dos namorados; - Análise e diálogo sobre os mesmos; - Apresentação do desafio "vamos construir o nosso lenço dos afetos?" - Elaboração do "Lenço dos Afetos". - Exposição dos trabalhos no átrio da escola.	Computador; Projetor; Marcadores de diferentes cores; Ficha de trabalho "Lenço dos namorados"; Guardanapo de bolos.	Observação direta Registo em grelha de avaliação
Primavera 30. 03. 2024	- Desenvolvimento da linguagem visual; - Estimular a criatividade; - Aumento da motivação para a produção escrita; - Reflexão crítica sobre a escrita.	1- Leitura do poema "Leilão de jardim", de Cecília Meireles. 2- Análise da constituição do poema (estrofes e rimas). 3- Elaboração de um caligrama sobre o tema "Primavera", tendo por base o poema de Cecília Meireles.	Material de escrita; Caderno diário; Ficha de trabalho "Leilão de jardim".	Observação direta Registo em grelha de avaliação
Sou único 15. 05. 2024	- Estimulo à criatividade e originalidade; - Clarificação da relação texto e imagem no caligrama;	Tendo por base a Leitura e análise do excerto "O Grilo Verde", de António Mota:	Ficha de trabalho "O Grilo Verde"; Ficha de trabalho "Sou único";	Observação direta
	- Desenvolvimento da estrutura e da organização do texto no espaço; - Desenrolamento da expressão pessoal.	- Realização de um caligrama tendo por base o tema "Sou único". - Apresentação dos trabalhos à turma.	Tesoura; Cola; Marcadores e lápis de cor.	Registo em grelha de avaliação
Animais de estimação 28. 06. 2024	- Compreender a importância da estética e da composição no caligrama; - Comparação de duas possíveis estruturas de textos poéticos; - Desenvolvimento da criatividade; - Aumento da motivação para a produção escrita.	1-Reescrever o poema "Animais de estimação", de Maria Rosário Macedo, tendo por base as características do caligrama: - Cada aluno terá um dos versos do poema, que deverá reescrever em forma de caligrama; - Serão selecionados seis versos de seis alunos, pela turma, para reescrever em grande grupo o poema original. 2- Análise e comparação dos dois poemas expostos no quadro de giz (estrutura e mensagem).	Material de escrita; Caderno diário; Poema A3 para afixar no quadro; Quadras; Tesoura; Folhas brancas.	Observação direta Registo em grelha de avaliação

Apêndice 2 – Grelha de observação da atividade n.º 1

GRELHA DE OBSERVAÇÃO				
DATA:18/01/2023		Atividade n.º 1		Disciplina de Português
CALIGRAMA				
Alunos	O aluno é capaz de:			
	Identificar as características de um caligrama	Elaborar um caligrama	Elaborar um texto	Participar de forma empenhada na tarefa proposta
A	CT	CT	CT	CP
B	CT	CT	CT	CT
C	NC	NC	CP	CP
D	CT	CT	CT	CT
E	CT	CT	CT	CT
F	CT	CT	CT	CT
G	CT	CT	CT	CT
H	CT	CT	CT	CT
I	CP	CP	CP	CP
J	CT	CT	CT	CP
K	CT	CT	CT	CT
L	FALTOU	FALTOU	FALTOU	FALTOU
M	CT	CP	CT	CT
N	NC	NC	CP	CP
O	CT	CT	CT	CT
P	CT	CT	CT	CT
Q	CT	CT	CT	CT
R	CP	NC	CP	CT
S	CP	CP	CP	CT
T	CT	CT	CT	CT
U	CT	CT	CT	CT
V	CT	CT	CT	CT
Legenda: CT (Conseguiu Totalmente); CP (Conseguiu Parcialmente); NC (Não Conseguiu); NP(Não Participou)				

Apêndice 3 – Grelha de avaliação da atividade n.º 2

Atividade n.º 2

Tema: "Lenço dos Afetos"

Aluno	Criatividade	Relevância Visual	Expressão de Emoções ou Ideias	Impacto Geral	Observações	Classificação final
A	3	3	3	3		3
B	3	3	3	3		3
C	4	4	4	4		4
D	3	3	3	3		3
E	3	3	3	3		3
F	3	3	4	3		3.25
G	4	4	4	4		4
H	3	3	2	3		2.75
I	4	4	4	4		4
J	3	3	3	3		3
K	3	3	3	3		3
L	4	4	4	4		4
M	4	4	4	4		4
N	4	4	4	4		4
O	1	1	1	1	Não realizou o pretendido	1
P	4	3	3	3		3.25
Q	3	3	3	2		2.75
R	4	4	4	4		4
S	3	3	3	3		3
T	3	3	3	3		3
U	1	1	1	1	Não realizou o pretendido	1
V	4	4	4	3		3.75

4- Muito Bom 3- Bom 2- Satisfatório 1- Pouco satisfatório

Critérios de Avaliação

	4	3	2	1
Criatividade	Inovador, originalidade evidente	Ideia interessante, pouco inovador	Algumas ideias criativas	Pouca criatividade
Relevância Visual	Excelente conexão entre tema e imagem	Boa integração entre tema e imagem	Integração básica	Falta de conexão entre o tema e a imagem
Expressão de Emoções ou Ideias	Expressão de emoções ou ideias de forma clara e expressiva	Expressão de emoções ou ideias de forma clara, mas com melhoramento	Expressão de emoções ou ideias de forma clara, mas pouco expressiva	Expressão de emoções ou ideias de forma confusa ou irrelevante
Apresentação Geral	Apresentação muito agradável	Boa apresentação, algumas melhorias necessárias	Apresentação simples	Apresentação desorganizada e/ou descuidada

Classificação Final	A classificação final é feita através da soma dos critérios e do cálculo da sua média
----------------------------	---

Apêndice 4 – Grelha de avaliação da atividade n.º 3

Atividade n.º 3					Tema: "Primavera"	
Aluno	Criatividade	Relevância Visual	Expressão de Emoções ou Ideias	Apresentação Geral	Observações	Classificação final
A	4	4	4	4	Símbolo: flor, cores da Ucrânia	4
B	4	4	4	4	Símbolo: árvore	4
C	4	3	3	3	Símbolo: árvore	3.25
D	Faltou	Faltou	Faltou	Faltou	---	---
E	4	3	4	3	Símbolos: árvores e flores	3.5
F	3	3	3	4	Símbolo: flor	3.25
G	4	4	4	4	Símbolos: pássaro, flor, árvore	4
H	Faltou	Faltou	Faltou	Faltou	---	---
I	3	2	2	2	Sem foco no tema	2.25
J	3	3	3	4	Símbolo: árvore	3.25
K	3	3	3	4	Símbolo: flor	3.25
L	4	4	4	4	Símbolo: relógio antigo	4
M	Apoio	Apoio	Apoio	Apoio	---	---
N	4	4	4	4	Símbolo: sol	4
O	EE	EE	EE	EE	---	---
P	3	4	4	4	Símbolo: flor	3.75
Q	4	3	3	4	Símbolo: flor	3.5
R	3	4	4	4	Símbolo: borboleta	3.75
S	Apoio	Apoio	Apoio	Apoio	---	---
Z	3	2	2	3	Símbolo: pássaro	2.5
U	3	2	2	3	Sem foco no tema	2.5
V	4	3	3	4	Uso de vários símbolos	3.5

4- Muito Bom 3- Bom 2- Satisfatório 1- Pouco satisfatório

Critérios de Avaliação

	4	3	2	1
Criatividade	Inovador, originalidade evidente	Ideia interessante, pouco inovador	Algumas ideias criativas	Pouca criatividade
Relevância Visual	Excelente conexão entre tema e imagem	Boa integração entre tema e imagem	Integração básica	Falta de conexão entre o tema e a imagem
Expressão de Emoções ou Ideias	Expressão de emoções ou ideias de forma clara e expressiva	Expressão de emoções ou ideias de forma clara, mas com melhoramento	Expressão de emoções ou ideias de forma clara, mas pouco expressiva	Expressão de emoções ou ideias de forma confusa ou irrelevante
Apresentação Geral	Apresentação muito agradável	Boa apresentação, algumas melhorias necessárias	Apresentação simples	Apresentação desorganizada e/ou descuidada

Classificação Final	A classificação final é feita através da soma dos critérios e do cálculo da sua média
----------------------------	---

Apêndice 5 – Grelha de avaliação da atividade n.º 4

Atividade n.º 4

Tema: "Sou único"

Aluno	Criatividade	Relevância Visual	Uso do Espaço	Apresentação Geral	Observações	Classificação final
A	2	3	3	2		2.5
B	3	3	4	3		3.25
C	FALTOU	FALTOU	FALTOU	FALTOU	---	---
D	4	3	3	4		3.5
E	4	3	4	4		3.75
F	2	2	3	2		2.25
G	4	4	4	4		4
H	3	3	3	3		3
I	2	2	2	2	Não terminou o trabalho	2
J	3	4	4	4		3.75
K	FALTOU	FALTOU	FALTOU	FALTOU	---	---
L	3	4	4	4		3.75
M	4	4	3	3		3.5
N	4	4	4	4		4
O	3	3	3	3		3
P	4	4	3	4		3.75
Q	3	3	3	3	Faltou desenvolver um pouco mais o tema	3
R	4	3	3	3		3.25
S	2	2	3	2		2.25
T	3	3	3	3		3
U	2	3	3	3		2.75
V	FALTOU	FALTOU	FALTOU	FALTOU	---	---

4- Muito Bom 3- Bom 2- Satisfatório 1- Pouco satisfatório

Critérios de Avaliação

	4	3	2	1
Criatividade	Inovador, o aluno/a trouxe elemento/os pessoais à imagem	Ideia interessante, pouco inovador	Algumas ideias criativas	Pouca criatividade
Relevância Visual	Excelente conexão entre texto e imagem	Boa integração entre texto e imagem	Integração do texto básica	Falta de conexão entre o texto e a imagem
Uso do Espaço	O aluno distribuiu de forma equilibrada as palavras	Espaço com partes encorpadas e outras vazias	Algum espaço usado	Espaço deficientemente utilizado
Apresentação Geral	Apresentação muito agradável, disposição das palavras visivelmente harmoniosa	Boa apresentação, algumas melhorias necessárias	Apresentação simples	Apresentação desorganizada e/ou descuidada

Classificação Final	A classificação final é feita através da soma dos critérios e do cálculo da sua média
----------------------------	---

Apêndice 6 – Grelha de avaliação da atividade n.º 5

Grelha de Avaliação para Caligramas

Atividade n.º 5					Tema: "Animais de Estimação"	
Aluno	Criatividade	Forma Visual	Estética e Composição do poema	Impacto Geral	Observações	Classificação final
A	3	3	2	3		2.75
B	4	3	4	4		3.75
C	4	4	3	4		3.75
D	3	3	3	3		3
E	4	4	4	4		4
F	4	4	3	4		3.75
G	4	4	4	4		4
H	4	3	4	3		3.5
I	3	4	2	3		3
J	4	4	3	4		3.75
K	4	3	3	4		3.5
L	4	4	4	4		4
M	3	3	3	3		3
N	4	4	4	4		4
O	1	1	1	1	Não fez o pretendido	1
P	4	4	4	4		4
Q	3	3	4	4		3.5
R	3	3	3	3		3
S	4	4	4	4		4
T	3	4	3	4		3.5
U	4	4	4	4		4
V	1	1	1	1	Não fez o que era esperado	1

4- Muito Bom 3- Bom 2- Satisfatório 1- Pouco satisfatório

Gato, Peixe, Coelho, Pássaro, Cão, NÃO

CrITÉRIOS de Avaliação

	4	3	2	1
Criatividade	Inovador, originalidade evidente	Ideia interessante, pouco inovador	Algumas ideias criativas	Pouca criatividade
Forma Visual	Excelente harmonia entre palavras e imagem	Boa harmonia entre palavras e imagem	Harmonia básica entre palavras e imagem	Falta de harmonia entre palavras e imagem
Estética e Composição do poema	Excelente uso de cores e de elementos gráficos para um bom impacto estético	Bom uso de cores e de elementos gráficos para um bom impacto estético	Uso básico de cores e de elementos gráficos para um bom impacto estético	Uso de cores e de elementos gráficos pouco relevante
Apresentação Geral	Apresentação muito agradável	Boa apresentação, algumas melhorias necessárias	Apresentação simples	Apresentação desorganizada e/ou descuidada

Classificação Final	A classificação final é feita através da soma dos critérios e do cálculo da sua média
----------------------------	---

